

A Liahona



**História da Família:
Enxergar a Si Mesmo
no Plano de Deus,
pp. 22, 26**

**Jovens Adultos:
Tornar o Dia do Senhor
uma Prioridade, p. 42**

**Permanecer Firme Quando os
Amigos Fraquejarem, p. 52**



“E, quanto ao vestuário, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam; E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe, e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?”

Mateus 6:28–30



MENSAGENS

- 4 Mensagem da Primeira Presidência: Testemunho e Conversão**
Presidente Henry B. Eyring
- 7 Mensagem das Professoras Visitantes: Os Atributos de Jesus Cristo: Sem Pecado**

ARTIGOS

- 14 A Porta Chamada Batismo**
Élder J. Devn Cornish
O batismo por imersão marca o início do caminho, regido por convênios, que conduz à conversão duradoura.

NA CAPA

Frente: Fotografia de Matthew Reier.
Parte interna da primeira capa: Fotografia de Willie Huang.

- 18 Um Novo Templo, Três Novas Oportunidades**
Don L. Searle
Inspiradas pelo Espírito na visitação pública de um templo, essas famílias guatemaltecas progrediram em sua jornada rumo à exaltação.

- 22 Como a História da Família Muda o Coração e a Mente**
Amy Harris
Quando fazemos pesquisa de história da família, descobrimos a grandiosidade do plano de Deus e a natureza pessoal de Seu amor por nós.

- 26 “Nestes Dias” de Templos e Tecnologia**
Élder Neil L. Andersen
Você foi mandado à Terra nesta época por um propósito específico, que inclui a responsabilidade de auxiliar no trabalho de salvação.

- 34 Antes do Fim de Nossa Jornada**
Richard M. Romney
No que tange a suportar bem as provações, podemos aprender muito com o exemplo daqueles que passaram a vida prestando um serviço dedicado a Deus e a Seus filhos.

SEÇÕES

- 8 Caderno da Conferência de Outubro de 2014**
- 10 Nossa Crença: Bênçãos Patriarcais: Orientação Inspirada para Sua Vida**
- 12 Nosso Lar, Nossa Família: Gratos pelos Convênios do Templo**
Cari Florence
- 38 Vozes da Igreja**
- 80 Até Voltarmos a Nos Encontrar: O Verdadeiro Amor**
Élder Joseph B. Wirthlin

46



42 Abençoados pelo Dia do Senhor

Emmaline R. Wilson

Jovens adultos presenciam milagres ao se empenharem para santificar o Dia do Senhor.

46 Perfis de Jovens Adultos: Remos Fortes, Testemunhos Fortes na Polinésia Francesa

Mindy Anne Leavitt

48 Buscar a Deus Todos os Dias

Élder D. Todd Christofferson

O Pai Celestial está ansioso para nos conceder o auxílio que buscamos a cada dia.

52 Fortalecer-se com Bons Amigos

Élder Jorge F. Zeballos

Os amigos que você escolher podem exercer um enorme impacto em sua vida, por isso é importante escolher com sabedoria.

54 Quando Bons Amigos Fraquejam

O que você pode fazer quando seus amigos começam a rebaixar seus padrões?

57 Nosso Espaço

58 O Que Sabemos sobre a Vida Pré-Mortal

Norman W. Gardner

O fato de saber que você escolheu seguir o Salvador na vida pré-mortal o ajuda a tomar decisões acertadas no decorrer de sua vida mortal.

60 Perguntas e Respostas

Recentemente perdi um amigo querido. Como posso superar a dor?

62 Sentimos Saudade de Sofia

Fernando Peralta

Quando minha irmã e eu sofremos um terrível acidente, nossa família valeu-se dos convênios do templo para encontrar paz.

64 Um Tempo para Estudar as Escrituras

Élder Richard G. Scott

O que é mais importante do que a escola, o trabalho ou a mídia social?



70

65 Testemunha Especial: Cartas da Vovó Whittle

66 É Sua Vez

Bispo Gary E. Stevenson

Agora é a hora de preparar-nos para encontrar-nos com Deus e ajudar os outros a fazerem o mesmo.

68 Nossa Página

69 Ideia Brilhante

70 Sempre Dá Tempo de Orar

Barbara Hopf

Fynn tinha medo de ir à escola até a mãe lhe ensinar uma solução simples.

72 Ajudar uma Nova Amiga

Quinnley W.

O Espírito Santo pode ajudá-lo a saber como mostrar amor ao próximo.

73 Música: O Batismo de Jesus Cristo

Jeanne P. Lawler

74 Hora das Escrituras: Jesus Foi Batizado

Erin Sanderson e Jean Bingham

76 Para as Criancinhas: Juliana Faz um Discurso

Jane McBride Choate



Veja se consegue encontrar a Liahona oculta nesta edição.

Dica: Não se esqueça de sua mochila.

52



A Primeira Presidência: Thomas S. Monson, Henry B. Eyring e Dieter F. Uchtdorf

Quórum dos Doze Apóstolos: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson e Neil L. Andersen

Editor: Craig A. Cardon

Consultores: Mervyn B. Arnold, Christoffel Golden, Larry R. Lawrence, James B. Martino, Joseph W. Sitati

Diretor Administrativo: David T. Warner

Diretor de Apoio à Família e aos Membros:

Vincent A. Vaughn

Diretor das Revistas da Igreja: Allan R. Loyborg

Gerente de Relações Comerciais: Garff Cannon

Gerente Editorial: R. Val Johnson

Gerente Editorial Assistente: Ryan Carr

Assistente de Publicações: Lisa C. López

Equipe de Composição e Edição de Texto: Brittany Beattie, David Dickson, David A. Edwards, Matthew D. Flitton, Lori Fuller, Garrett H. Garff, LaRene Porter Gaunt, Mindy Anne Leavitt, Michael R. Morris, Sally Johnson Odekirk, Joshua J. Perkey, Jan Pinborough, Richard M. Romney, Paul VanDenBerghe, Marissa Widdison

Diretor Administrativo de Arte: J. Scott Knudsen

Diretor de Arte: Tadd R. Peterson

Equipe de Diagramação: Jeanette Andrews, Fay P. Andrus, Mandie M. Bentley, C. Kimball Bott, Thomas Child, Nate Gines, Colleen Hinkley, Eric P. Johnsen, Susan Lofgren, Scott M. Mooy, Mark W. Robison, Brad Teare, K. Nicole Walkenhorst

Coordenadora de Propriedade Intelectual:

Collette Nebeker Aune

Gerente de Produção: Jane Ann Peters

Equipe de Produção: Connie Bowthorpe Bridge, Julie Burdett, Katie Duncan, Bryan W. Gygi, Denise Kirby, Ginny J. Nilson, Gayle Tate Rafferty

Pré-Impressão: Jeff L. Martin

Diretor de Impressão: Craig K. Sedgwick

Diretor de Distribuição: Stephen R. Christiansen

A Liahona:

Diretor Responsável: André Buono Silveira

Produção Gráfica: Eleonora Bahia

Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)

Tradução: Edson Lopes

Assinaturas: Marco A. Vizaco

© 2015 Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impresso no Brasil.

O texto e o material visual encontrados na revista *A Liahona* podem ser copiados para uso eventual, na Igreja ou no lar, não para uso comercial. O material visual não poderá ser copiado se houver qualquer restrição indicada nos créditos constantes da obra. As perguntas sobre direitos autorais devem ser encaminhadas para Intellectual Property Office, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, UT 84150, USA; e-mail: cor-intellectualproperty@LDSchurch.org.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73, de acordo com as normas em vigor.

"*A Liahona*", © 1977 de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impendedoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. Impressa no Brasil por Posigraf — Vendor ID 29781 — Rua Senador Accioly Filho, 500 — CEP 81310-000 — Curitiba — PR.

ASSINATURAS: A assinatura deverá ser feita pelo telefone 0800-891-4253 (ligação gratuita); pelo e-mail distribuicao@LDSchurch.org; pelo fax 0800-161441 (ligação gratuita); ou correspondência para a Caixa Postal 26023, CEP 05599-970 — São Paulo — SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: R\$ 5,00. Preço do exemplar avulso em nossas lojas: R\$ 0,80. O preço da assinatura e do exemplar avulso enviado para o assinante no exterior é o mesmo. A assinatura anual da revista em inglês também é R\$ 5,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o endereço antigo e o novo.

NOTÍCIAS DO BRASIL: envie para NoticiasLocais@LDSchurch.org.

Envie manuscritos e perguntas online para liahona.LDS.org; pelo correio, para: *Liahona*, Room 2420, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150-0024, USA; ou por e-mail, para: liahona@LDSchurch.org.

A "*Liahona*", termo do Livro de Mórmon que significa "bússola" ou "guia", é publicada em albanês, alemão, armênio, bislama, búlgaro, cambojano, cebuano, chinês, chinês (simplificado), coreano, croata, dinamarquês, esloveno, espanhol, estoniano, fijiano, finlandês, francês, grego, holandês, húngaro, indonêsio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malgaxe, marshallês, mongol, norueguês, polonês, português, quiribatí, romeno, russo, samoano, sueco, tagalo, tailandês, taitiano, tcheco, tonganês, ucraniano, urdu e vietnamita. (A periodicidade varia de um idioma para outro.)

Ideias para a Noite Familiar

Esta edição contém atividades e artigos que podem ser usados na noite familiar. Seguem-se dois exemplos.



"Jesus Foi Batizado", página 74: Se desejar, comece sua noite familiar cantando "O Batismo de Jesus Cristo" (ver a página 73). Você pode ler o relato bíblico do batismo de Jesus em família e pedir aos familiares já batizados que contem o que sentiram e aprenderam quando foram batizados e confirmados. Ao lerem juntos e prestarem testemunho, ajude seus filhos a compreender os convênios ligados ao batismo. Se julgar proveitoso, use as perguntas das escrituras propostas no artigo ao ensinar os convênios batismais a seus filhos.

"O Amor Verdadeiro", página 80: Em algum momento da semana, peça a alguém da família que procure atos de bondade simples que ocorram a cada dia. Durante a noite familiar, peça a essa pessoa que conte o que observou no decorrer da semana. Como disse o Élder Wirthlin em sua mensagem: "O amor é o princípio, o meio e o fim do caminho do discipulado". Você pode fazer um desenho simples que mostre um caminho segmentado em muitos trechos pequenos. Explique à família que para cada ato de bondade praticado — grande ou pequeno — eles podem pintar um trecho do caminho. À medida que sua família se empenhar para demonstrar amor pelos outros, vocês vão avançar no caminho do discipulado.

EM SEU IDIOMA

A revista *A Liahona* e outros materiais da Igreja estão disponíveis em muitos idiomas em languages.LDS.org.

TÓPICOS DESTA EDIÇÃO

Os números representam a primeira página de cada artigo.

Amigos, 52, 54, 72

Amor, 80

Batismo, 14, 18, 40, 73, 74

Bênçãos patriarcais, 10

Conferência geral, 8

Convênios, 14, 18, 62

Conversão, 4, 14, 18

Dia do Senhor, 42

Escrituras, 39, 64

Expição, 7

Família, 12, 18, 22, 62

Fé, 26, 34, 41, 48

História da Família, 22, 26

Jesus Cristo, 7, 73, 74

Morte, 60, 62

Obra missionária, 18, 38, 40

Oração, 4, 12, 70

Perseverança, 34

Serviço, 34

Tecnologia, 26

Templos, 18, 26, 41, 55

Vida pré-mortal, 58



Presidente
Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro
na Primeira Presidência

TESTEMUNHO E Conversão

Há uma diferença entre receber um testemunho da verdade e converter-se verdadeiramente. O grande Apóstolo Pedro, por exemplo, prestou testemunho ao Salvador de que sabia que Jesus era o Filho de Deus.

“Disse-lhes [Jesus]: E vós, quem dizeis que eu sou?”

E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus” (Mateus 16:15–17).

Contudo, ao dirigir-se a Pedro tempos depois, o Senhor deu a ele e a nós um guia para nos convertermos verdadeiramente e mantermos essa conversão ao longo de toda a vida. Jesus deixou a seguinte instrução: “Quando te converteres, confirma teus irmãos” (Lucas 22:32).

Jesus ensinou a Pedro que ainda havia uma grande mudança que precisava ir além de ter um testemunho e envolvia pensar, sentir e agir como discípulos de Jesus Cristo verdadeiramente convertidos. Essa é a mudança vigorosa que todos nós buscamos. Quando a tivermos alcançado, precisamos que essa mudança continue até o fim de nossa provação mortal (ver Alma 5:13–14).

Sabemos por experiência própria e por observação alheia que não basta ter momentos grandiosos de vigor espiritual. Pedro negou conhecer o Salvador mesmo depois de receber um testemunho pelo Espírito de que Jesus era o Cristo. As Três Testemunhas do Livro de Mórmon receberam um testemunho direto de que o Livro de Mórmon era a palavra de Deus, mas posteriormente vacilaram em seu apoio a Joseph Smith como Profeta da Igreja do Senhor.

Necessitamos de uma mudança no coração, conforme descrita no livro de Alma: “E todos disseram ao povo a mesma coisa — que seu coração havia sido transformado; que não desejavam mais praticar o mal” (Alma 19:33; ver também Mosias 5:2).

O Senhor nos ensinou que, quando nos convertermos verdadeiramente a Seu evangelho, nosso coração se desviará de preocupações egoístas e se voltará para o serviço que visa a elevar as pessoas em sua jornada rumo à vida eterna. Para conseguir essa conversão, podemos orar e empenhar-nos com fé a fim de nos tornarmos a nova

ENSINAR USANDO ESTA MENSAGEM

O Élder David A. Bednar, do Quórum dos Doze Apóstolos, usou a “parábola dos picles” para ensinar que a conversão é um processo contínuo, e não um acontecimento único: “Linha sobre linha, preceito sobre preceito, gradualmente e de maneira quase imperceptível, nossos motivos, nossos pensamentos, palavras e ações entram em harmonia com a vontade de Deus” (“Necessário Vos É Nascer de Novo”, *A Liahona*, maio de 2007, p. 19). Se julgar conveniente, estude a parábola dos picles com as pessoas a quem ensina. O que cada um de nós pode fazer para avançar de modo constante no processo gradual da conversão abordado tanto pelo Presidente Eyring quanto pelo Élder Bednar?

criatura possibilitada pela Expição de Jesus Cristo.

Podemos começar orando para ter fé para nos arrependermos do egoísmo e para receber o dom de nos preocuparmos com os outros mais do que com nós mesmos. Podemos orar para ter a capacidade de deixar de lado o orgulho e a inveja.

A oração será a chave também para recebermos o dom do amor pela palavra de Deus e o amor de Cristo (ver Morôni 7:47–48). Essas duas coisas andam de mãos dadas. Ao lermos, refletirmos e orarmos a respeito da palavra de Deus, passaremos a amá-la. O Senhor colocará esse amor em nosso coração. Ao sentirmos esse amor, começaremos a sentir cada vez mais o amor do Senhor. Com isso virá o amor a nossos semelhantes, do qual precisamos para fortalecer as pessoas que Deus colocar em nosso caminho.

Podemos, por exemplo, orar para reconhecer as pessoas que o Senhor gostaria que Seus missionários ensinassem. Os missionários de tempo integral podem orar com fé para saber pelo Espírito o que ensinar e do que



Precisamos de uma mudança no coração como a vivenciada pelo povo de Lamôni, no capítulo 19 de Alma.

prestar testemunho. Podem orar com fé para que o Senhor os ajude a sentir o amor Dele por todas as pessoas que conhecerem. Os missionários não levarão às águas do batismo e ao dom do Espírito Santo todas as pessoas que conhecerem. Mas eles podem ter a companhia do Espírito Santo. Por meio de seu serviço e com o auxílio do Espírito Santo, os missionários vão, com o tempo, passar por uma mudança no coração.

Essa transformação se renovará repetidas vezes se eles e nós continuarmos, ao longo da vida, a agir de modo abnegado e com fé para fortalecer o próximo com o evangelho

de Jesus Cristo. A conversão não será um acontecimento único ou algo que só durará um período da vida, mas será um processo contínuo. A vida pode tornar-se mais resplandecente até o dia perfeito, quando veremos o Salvador e constataremos que nos tornamos semelhantes a Ele. O Senhor descreveu essa jornada da seguinte maneira: “Aquilo que é de Deus é luz; e aquele que recebe luz e persevera em Deus recebe mais luz; e essa luz se torna mais e mais brilhante, até o dia perfeito” (D&C 50:24).

Prometo-lhes que isso é possível para cada um de nós. ■

Minha Mudança de Coração

Dante Bairado

Assim que conheci o evangelho restaurado de Jesus Cristo, senti o Espírito testificar de sua veracidade. Por meio da oração, meu testemunho ficou ainda mais forte, e decidi ser batizado.

Logo depois de meu batismo, os membros de minha ala começaram a me perguntar o que eu achava de servir missão. Para ser honesto, eu nem sabia ao certo o que dizer. A ideia de deixar minha família e os estudos para servir missão parecia absurda.

Mas certo dia comecei a pensar em minha conversão. Lembrei-me dos missionários que tinham me ensinado,

respondido com toda a paciência a minhas perguntas e me ajudado a compreender o evangelho. Percebi que, sem o auxílio deles, eu jamais teria conhecido a Igreja verdadeira. Assim que me dei conta disso, o desejo de servir desabrochou em meu coração. Senti o Espírito me dizer que eu devia servir missão de tempo integral.

Sei que a obra missionária é o trabalho de nosso Pai Celestial e que podemos ajudar a trazer almas ao maravilhoso conhecimento do evangelho restaurado.

O autor mora em Fortaleza, Brasil.

CRIANÇAS

Que Seu Testemunho Brilhe

Adquirir um testemunho é como fazer uma fogueira. Assim como temos de acrescentar lenha para que uma fogueira continue acesa, precisamos orar, arrepender-nos, servir ao próximo, estudar as escrituras e guardar os mandamentos para ajudar nosso testemunho a crescer.

Para aprender mais sobre como edificar seu testemunho, leia cada uma das escrituras relacionadas abaixo. Pinte a parte da chama que corresponder a cada escritura que você ler. Quanto mais escrituras você ler, mais forte será a fogueira, assim como seu testemunho!

- A. Mosias 2:17
- B. Alma 5:46
- C. Alma 32:27
- D. 3 Néfi 15:10
- E. João 5:39



Em espírito de oração, estude este artigo e decida o que compartilhar. De que modo a compreensão da vida e missão do Salvador aumentará sua fé Nele e abençoará as pessoas sob sua responsabilidade como professora visitante? Acesse reliefsociety.LDS.org para mais informações.

Os Atributos de Jesus Cristo: Sem Pecado

Esta mensagem faz parte de uma série de Mensagens das Professoras Visitantes que abordam atributos do Salvador.

Nosso Salvador, Jesus Cristo, foi o único capaz de efetuar uma Expição pela humanidade. “Jesus Cristo, o Cordeiro imaculado, voluntariamente deu a vida no altar do sacrifício e pagou o preço de nossos pecados”, afirmou o Presidente Dieter F. Uchtdorf, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.¹ A compreensão de que Jesus Cristo não tinha pecados pode ajudar-nos a aumentar nossa fé Nele e nosso empenho de guardar Seus mandamentos, arrepender-nos e tornar-nos puros.

“Jesus (...) era um Ser de carne e espírito, mas não cedeu às tentações (ver Mosias 15:5)”, destacou o Élder D. Todd Christofferson, do Quórum dos Doze Apóstolos. “Podemos sempre voltar-nos a Ele (...) porque Ele compreende. Compreende nossa luta e também como podemos vencê-la. (...)”

Pense Nisto

De que modo ser puro difere de ser perfeito?



O poder de Sua Expição pode apagar os efeitos do pecado em nós. Se nos arrependermos, Sua graça expiatória nos justifica e purifica (ver 3 Néfi 27:16–20). É como se não tivéssemos caído, como se não tivéssemos cedido à tentação.

À medida que nos esforçamos a cada dia e a cada semana para seguir o caminho de Cristo, nosso espírito ganha preeminência, a batalha interna cessa e as tentações deixam de incomodar-nos.²

Escrituras Adicionais

Mateus 5:48; João 8:7; Hebreus 4:15; 2 Néfi 2:5–6

NOTAS

1. Dieter F. Uchtdorf, “Você Pode Fazer Isso Agora!”, *A Liahona*, novembro de 2013, p. 55.
2. D. Todd Christofferson, “Para Que Sejam Um em Nós”, *A Liahona*, novembro de 2002, p. 71.



Fé, Família, Auxílio

Das Escrituras

O Salvador pagou o preço de nossos pecados por meio de Sua filiação divina, Sua vida sem pecado, Seu sofrimento e o derramamento de Seu sangue no Jardim do Getsêmani, Sua morte na cruz e Sua Ressurreição do sepulcro. Por meio da Expição de Jesus Cristo, podemos tornar-nos puros de novo se nos arrependermos de nossos pecados.

O rei Benjamim ensinou a seu povo a Expição de Jesus Cristo e depois perguntou se eles acreditavam em suas palavras. “E todos clamaram a uma só voz, dizendo: (...) [O] Espírito (...) efetuou em nós, ou melhor, em nosso coração, uma vigorosa mudança, de modo que não temos mais disposição para praticar o mal, mas, sim, de fazer o bem continuamente. (...)”

E estamos dispostos a fazer um convênio com nosso Deus, de cumprir a sua vontade e obedecer a seus mandamentos em todas as coisas que ele nos ordenar, para o resto de nossos dias” (Mosias 5:1–2, 5).

Nós também podemos passar por uma “vigorosa mudança” de coração, assim como o povo do rei Benjamim, que “não [tinha] mais disposição para praticar o mal, mas, sim, de fazer o bem continuamente” (Mosias 5:2).

CADERNO DA CONFERÊNCIA DE OUTUBRO DE 2014

“O que eu, o Senhor, disse está dito; (...) seja pela minha própria voz ou pela voz de meus servos, é o mesmo” (D&C 1:38).

Para recordar a conferência geral de outubro de 2014, você pode usar estas páginas (e os Cadernos da Conferência que vão ser publicados em edições futuras) para ajudá-lo a estudar e a colocar em prática os mais recentes ensinamentos dos profetas e apóstolos vivos e de outros líderes da Igreja.

DESTAQUES DOCTRINÁRIOS



Seguir a Regra de Ouro

“Os seguidores de Cristo devem ser exemplos de civilidade. Devemos amar todas as pessoas, ser bons ouvintes e mostrar respeito por suas crenças genuínas. Embora discordemos, não devemos ser desagradáveis. Nossa posição e comunicação em assuntos controversos não devem ser contenciosas. Devemos ser sábios ao explicar e seguir nossos padrões e em exercer nossa influência. Dessa

forma, pedimos que os outros não se ofendam com nossas sinceras crenças religiosas e o livre exercício de nossa religião. Incentivamos todos a praticar a Regra de Ouro do Salvador: ‘Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós’ (Mateus 7:12).”

Elder Dallin H. Oaks, do Quórum dos Doze Apóstolos, “Amar os Outros e Conviver com as Diferenças”, *A Liahona*, novembro de 2014, p. 25.

PROMESSA PROFÉTICA



Revelação

“A revelação continua na Igreja: o profeta a recebe para a Igreja; o presidente, para sua estaca, sua missão ou seu quórum; o bispo, para sua ala; o pai [e a mãe] para sua família; o indivíduo, para si mesmo.”¹

Presto meu testemunho de que isso é verdade. (...)

Deus derrama revelação, por meio do Espírito Santo, a Seus filhos. Ele fala a Seu profeta na Terra, que hoje é Thomas S. Monson. Testifico que ele possui e usa todas as chaves do sacerdócio existentes na Terra.”

Presidente Henry B. Eyring, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, “Revelação Contínua”, *A Liahona*, novembro de 2014, p. 70.

NOTA

1. Boyd K. Packer, “Cremos em Tudo o Que Deus Tem Revelado”, *A Liahona*, dezembro de 1974, p. 31.



PARTIR PARA A AÇÃO

O Élder Neil L. Andersen, do Quórum dos Doze Apóstolos, sugeriu duas maneiras para

os jovens “[obterem] um testemunho pessoal do Profeta Joseph Smith”:

“Primeiro, localizem escrituras no Livro de Mórmon que sentem e sabem serem absolutamente verdadeiras.

Depois, compartilhem-nas com familiares e amigos (...), reconhecendo que Joseph foi um instrumento nas mãos de Deus. Em seguida, leiam o testemunho do Profeta Joseph Smith contido na Pérola de Grande Valor. (...) Também podem gravar esse testemunho de Joseph Smith com sua própria voz, ouvi-lo regularmente e mostrá-lo aos amigos.”

Extraído de “Joseph Smith”, *A Liahona*, novembro de 2014, p. 28.

Vinde, e Vede



Por que os santos dos últimos dias querem partilhar o evangelho?

“Os discípulos devotados de Jesus Cristo sempre foram e sempre serão valorosos missionários”, afirmou o Élder David A. Bednar, do Quórum dos Doze Apóstolos. “Um missionário é um seguidor de Cristo que presta testemunho Dele como o Redentor e proclama as verdades de Seu evangelho.

A Igreja de Jesus Cristo sempre foi e sempre será uma igreja missionária. (...)

(...) O ato de compartilhar com as pessoas as coisas que nos são mais

significativas ou que nos ajudaram não é de forma alguma uma coisa incomum.

Esse mesmo padrão é especificamente evidente em questões de grande importância e consequência espiritual.”

O que podemos fazer quando as pessoas manifestam interesse no evangelho e na Igreja? O Élder Bednar observou que podemos seguir o exemplo do Salvador convidando-as a “[virem e verem]” (João 1:39).

Extraído de “Vinde, e Vede”, *A Liahona*, novembro de 2014, p. 107.

Respostas para Você

Em cada conferência, os profetas e líderes dão respostas inspiradas para as perguntas que os membros da Igreja possam ter. Use sua edição de novembro de 2014 ou acesse o site conference.LDS.org para encontrar as respostas para estas perguntas:

- Como podemos compreender melhor a importância do sacramento? Ver Cheryl A. Esplin, “O Sacramento: Renovação para a Alma”, p. 12.
- Qual é a relação entre arbítrio, justiça, misericórdia, arrependimento e a Expição do Salvador? Ver D. Todd Christofferson, “Livres para Sempre, para Agirem por Si Mesmos”, p. 16.
- Por que o lar é o ambiente ideal para o ensino do evangelho de Jesus Cristo? Ver Tad R. Callister, “Pais: Os Melhores Professores do Evangelho de Seus Filhos”, p. 32.
- De que maneira os pais podem empenhar-se juntos para edificar uma família eterna? Ver L. Tom Perry, “Encontrar Paz Duradoura e Edificar uma Família Eterna”, p. 43.

Para ler, ver ou ouvir os discursos da conferência geral, acesse o site conference.LDS.org.

BÊNÇÃOS PATRIARCAIS: ORIENTAÇÃO INSPIRADA PARA SUA VIDA

Na Igreja há dois tipos de patriarca: (1) o pai e (2) o homem que é ordenado ao ofício de patriarca no Sacerdócio de Melquisedeque. Os pais que têm o Sacerdócio de Melquisedeque podem dar bênçãos aos familiares, mas essas bênçãos não são registradas pela Igreja, embora possam ser registradas pela família. Por outro lado, as bênçãos concedidas a membros dignos da Igreja por um patriarca ordenado são registradas pela Igreja. Essas bênçãos são chamadas de “bênçãos patriarcais”.

Os patriarcas dão bênçãos de acordo com a inspiração do Espírito Santo. Sua bênção patriarcal pode conter advertências e promessas e pode revelar o que o Senhor espera

de você e qual é seu potencial. As bênçãos prometidas serão cumpridas no tempo do Senhor e em função de sua fidelidade. Somente pelo cumprimento dos conselhos contidos na bênção patriarcal é que você receberá as bênçãos prometidas. Algumas bênçãos podem ocorrer apenas na vida futura. Sua bênção patriarcal não vai lhe fornecer plenos detalhes de sua vida. Se ela não mencionar uma missão de tempo integral ou o casamento no templo, por exemplo, isso não significa que você não terá tais oportunidades.

Sua bênção patriarcal também declara sua linhagem na casa de Israel — você pode ser da tribo de Efraim, Judá, Manassés ou de uma das outras

tribos.¹ Essa linhagem é importante por causa do convênio abraâmico, que inclui a promessa que o Senhor fez a Abraão de que, por intermédio de sua posteridade, seriam “abençoadas todas as famílias da Terra, sim, com as bênçãos do Evangelho” (Abraão 2:11). Todos os membros da Igreja pertencem à casa de Israel, seja por descendência literal ou por adoção espiritual. Como tal, temos um papel a cumprir na proclamação do evangelho ao mundo.

Para receber uma bênção patriarcal, fale com seu bispo ou presidente de ramo, que pode dar-lhe a recomendação para que você a receba. Você pode enriquecer a experiência de receber uma bênção se jejuar e orar antes. Os familiares mais próximos podem estar presentes quando você receber a bênção patriarcal.

Depois de receber sua bênção, uma cópia impressa lhe será enviada. Guarde-a como algo confidencial. Seus conselhos e suas promessas são pessoais para você e não devem ser divulgados informalmente a outras pessoas. Estude-a com frequência. Ela vai lhe proporcionar orientação, consolo e proteção. ■

NOTA

1. Ver o Guia para Estudo das Escrituras, “Israel”, scriptures.LDS.org, para aprender mais sobre as 12 tribos de Israel.

UM TESOURO PESSOAL INESTIMÁVEL



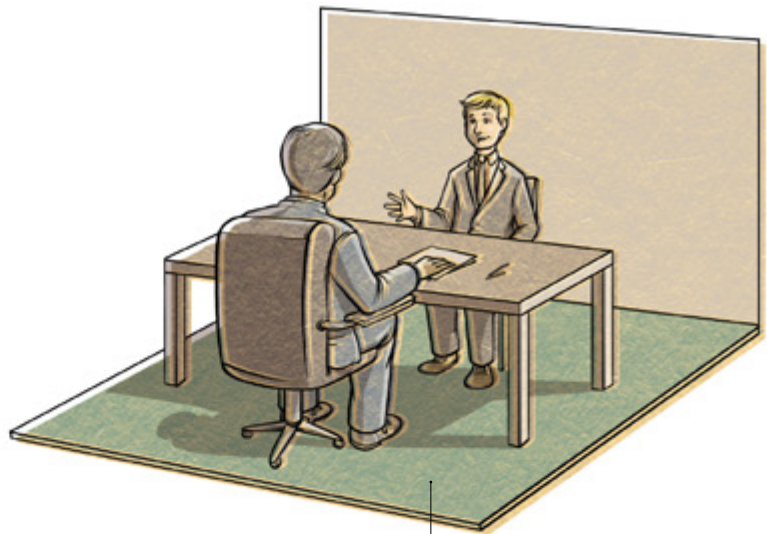
“O mesmo Senhor que deu a Liahona a Leí concede a todos nós hoje um dom raro e valioso para orientar nossa vida, para indicar os perigos para

nossa segurança e mostrar o caminho, sim, uma passagem segura — não

para uma terra da promessa, mas para nosso lar celestial. O dom a que me refiro é conhecido como bênção patriarcal. Todo membro digno da Igreja tem o direito de receber esse tesouro precioso e inestimável.”

Presidente Thomas S. Monson, “Vossa Bênção Patriarcal: Uma Liahona de Luz”, *A Liahona*, janeiro de 1987, p. 66.

As bênções patriarcais começaram na época de Adão, quando ele abençoou sua posteridade (ver D&C 107:53; ver também Gênesis 49 para ler o relato da bênção dada por Jacó a sua posteridade).



Converse com seu bispo ou presidente de ramo para saber se você está pronto para receber sua bênção patriarcal.

O ofício de patriarca, chamado de "evangelista" no Novo Testamento, foi restaurado nos últimos dias. Joseph Smith Sr. foi o primeiro patriarca da Igreja.



Depois de recebê-la, estude-a com frequência e procure seguir seus conselhos. Ela pode proporcionar-lhe consolo e ajudar a fortalecer sua fé.



Todas as bênções patriarcais são guardadas na sede da Igreja. Caso perca seu exemplar, pode solicitar uma cópia por meio do site LDS.org.

GRATOS PELOS CONVÊNIO DO TEMPLO

Cari Florence

Como algo poderia aliviar minha tristeza quando o filho que eu esperava estava morrendo?

Longo na 14ª semana da gravidez de nosso terceiro filho, os médicos nos informaram que eu sofreria um aborto espontâneo devido a complicações nos pulmões do feto. Essa notícia me deixou arrasada. Fiquei com o coração partido, aterrorizada e insegura em relação ao futuro. Naquela noite, meu marido e eu fomos ao templo com o coração pesado e os olhos rasos d'água. Precisávamos de respostas, orientação e forças e sabíamos que, na serenidade do templo, poderíamos nos aproximar do Senhor. Ficamos surpresos com a paz que sentimos na sala celestial. Tive a certeza de que, mesmo que aquele bebê não fosse ficar na Terra, tudo terminaria bem.

Momentos depois, ajoelhei-me e abri o coração ao Pai Celestial. Disse-Lhe que entendia que nosso filho não ia viver muito tempo, mas desejava algumas bênçãos específicas se possível. Também prometi que, se meus desejos não fossem concedidos, não perderia a fé. Pedi que a criança ficasse comigo mais tempo: que vivesse, mesmo que por pouco tempo, para que nossa família a abraçasse. Os médicos tinham dito que, se por milagre o bebê chegasse ao fim

da gestação, nasceria roxo, mas orei para que nascesse rosado, para que os irmãozinhos não tivessem medo de segurá-lo. Pedi ao Senhor que nos ajudasse a recordar nosso laço eterno com o bebê, que decidimos chamar de Brycen, após sua partida.

Com o passar das semanas, os médicos disseram-se perplexos com o progresso de Brycen, mas avisaram que certamente faleceria pouco depois de nascer. Senti uma dor indescritível por saber que o perderíamos, mas também fiquei exultante por ele ainda estar crescendo. A gravidez daquele filho que não viveria era um fardo contínuo. Eu sentia dor sempre que alguém perguntava qual era o sexo do bebê ou a data de nascimento e fingia que tudo estava dentro da normalidade. Compramos um monitor para acompanhar diariamente seus batimentos cardíacos, sempre ansiosos para ouvir aqueles sons preciosos. Minha dor era intensa. A Expição do Salvador adquiriu um novo significado para mim: finalmente entendi, por experiência própria, que Jesus Cristo não só sofreu por meus pecados, mas sentiu também todas as minhas tristezas e dores. Como meu Salvador,

Ele verdadeiramente carregara o peso comigo para que eu nunca ficasse só.

Na 37ª semana de gestação, dei entrada no hospital, ciente de estar



CONSOLO PARA OS PAIS

“Joseph Smith ensinou a doutrina que uma criança que morre se levanta

na ressurreição como criança; e apontando para a mãe de uma criança que tinha morrido, ele disse a ela: ‘Você terá a alegria, o prazer e a satisfação de nutrir essa criança, depois de sua ressurreição, até que ela alcance a plena estatura de seu espírito’. Há uma restituição, há crescimento, há desenvolvimento depois da ressurreição da morte. Gosto muito dessa verdade. Ela me transmite muita alegria, felicidade e gratidão a minha alma.”

Presidente Joseph F. Smith (1838–1918),
Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja:
Joseph F. Smith, 1998, p. 132.



Brycen viveu apenas 72 minutos, só o tempo suficiente para cada um de nós o abraçarmos e amarmos. Foram os únicos momentos em que toda a família ficou junta nesta Terra, mas era tudo com que sonháramos.

oficialmente iniciando a contagem regressiva da vida de Brycen. Foi tanto aterrorizante quanto belo. Os médicos informaram que ele poderia viver de dez minutos a vários dias. Apesar de meus temores, senti o Senhor me tranquilizar. Brycen Cade Florence nasceu em 27 de janeiro de 2012. Solucei na hora do parto: ele veio ao mundo rosadinho, lindo, perfeito.

Nossos meninos correram até a sala de parto para ver e segurar o irmãozinho. Trouxemos até um fotógrafo para registrar o momento. Bryce viveu apenas 72 minutos, literalmente só o tempo suficiente para cada um de nós o abraçarmos e amarmos. Foram os únicos momentos em que toda a família ficou junta nesta Terra, mas era tudo com que sonháramos. Os meninos não se desgrudavam

do irmãozinho, sempre beijando-o, cantando músicas para ele e suplicando para segurá-lo. Ele até ficou conosco o bastante para receber uma bênção do pai, algo pelo qual meu marido esperara e orara.

Como família, temos um testemunho de que o “plano divino de felicidade permite que os relacionamentos familiares sejam perpetuados além da morte” e de que as ordenanças e os convênios do templo permitem que “as famílias sejam unidas para sempre” (“A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, novembro de 2010, última contracapa). Para nós, ter uma família eterna é *tudo*. A parte mais bela do evangelho é que a morte nunca vai nos separar: continuaremos juntos nossa jornada.

Por meio dessa provação, fiquei

sabendo que Deus está nos detalhes. Ele Se preocupa conosco individualmente. As provações e dificuldades virão, mas Deus pode ajudar a torná-las mais fáceis de suportar. Hoje me sinto mais grata do que nunca por ter sido selada no templo a meu marido e por nossos filhos terem nascido no convênio. Em virtude do belo plano de Deus para as famílias, que inclui o sacrifício infinito do Salvador, podemos estar todos juntos novamente. Sempre me pergunto como eu teria enfrentado aquela difícil provação sem o conhecimento dessa verdade eterna. Sinto profunda gratidão pelo testemunho que adquiri por causa da curta vida de Brycen. Deus abriu-me os olhos e o coração mais plenamente para Suas bênçãos. ■

A autora mora no Arizona, EUA.



Élder J. Devn Cornish
Dos Setenta



A PORTA CHAMADA BATISMO

Oro para que cada um de nós alcance uma melhor compreensão de nossa necessidade do batismo, do acesso que ele nos proporciona ao processo contínuo de conversão e do misericordioso amor expiatório de nosso Salvador.

Glen (o nome foi mudado) levava uma vida marcada pelo caos e conflito. Quando adolescente, tinha se envolvido em gangues, crimes e atos de violência. Ao conhecer os missionários, achou que as coisas nas quais eles acreditavam eram boas demais para serem verdade. Mas, com o tempo, veio a saber que de fato eram verdade e que tinham mais valor do que qualquer outro conhecimento que ele já adquirira.

Depois de pôr ordem em sua vida, arrependeu-se sinceramente e começou a viver o evangelho, Glen entrou nas águas do batismo. Encontrou uma nova vida com luz, paz e alegria. Ficou puro diante do Senhor.

Néfi disse:

“Portanto fazei as coisas que eu vos disse ter visto vosso Senhor e Redentor fazer; porque por esta razão me foram mostradas, para que possais conhecer a porta pela qual deveis entrar. Porque a porta pela qual deveis entrar é o arrependimento e o batismo com água; e recebereis, então, a remissão de vossos pecados pelo fogo e pelo Espírito Santo.

E estareis então no caminho estreito e apertado que conduz à vida eterna; sim, havereis entrado pela porta” (2 Néfi 31:17–18).

Esses versículos ensinam claramente que o batismo, o símbolo sagrado de um convênio entre Deus e Seus filhos,

é necessário para nossa salvação (ver também Marcos 16:16; Atos 2:38; 2 Néfi 9:23–24). De fato, essa ordenança é tão importante e indispensável que o próprio Jesus foi batizado para “cumprir toda a justiça” (Mateus 3:15).

A explicação de Néfi sobre isso não deixa margem a dúvidas: “E agora, se o Cordeiro de Deus, sendo santo, terá necessidade de ser batizado com água para cumprir toda a justiça, quanto mais necessidade não teremos nós, sendo impuros, de sermos batizados, sim, com água!” (2 Néfi 31:5.)

Quando somos batizados, testificamos ao Pai que estamos dispostos a fazer o convênio de “entrar no rebanho de Deus e ser chamados seu povo; e (...) [estamos] dispostos a carregar os fardos uns dos outros, para que fiquem leves;

Sim, e [estamos] dispostos a chorar com os que choram; sim, e consolar os que necessitam de consolo e servir de testemunhas de Deus em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares em que [nos encontremos], mesmo até a morte; para que [sejamos] redimidos por Deus e contados com os da primeira ressurreição, para que [tenhamos] a vida eterna” (Mosias 18:8–9).

Renovamos esse convênio todos os domingos ao tomarmos o sacramento. As palavras do convênio, conforme formuladas nas orações sacramentais, instam os filhos do Pai Celestial a testificar que “desejam tomar sobre si o nome de [seu] Filho e recordá-lo sempre e guardar os mandamentos



que ele lhes deu, para que possam ter sempre consigo o seu Espírito” (D&C 20:77).

Uma Ordenança Introdutória

Além de testificar de nossa disposição de obedecer a Deus, o batismo nos permite entrar no reino de Deus, que é a Igreja de Jesus Cristo na Terra. O Guia para Estudo das Escrituras nos ensina: “O batismo por imersão na água, efetuado por quem possui autoridade, é a ordenança introdutória do evangelho, necessária para que a pessoa se torne membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”.¹

O Salvador definiu claramente o propósito do batismo quando ensinou a Nicodemos: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus” (João 3:5).

O batismo autorizado é necessário para habitar-mos na presença do Pai e do Filho, mas me alegro que o batismo tenha outro propósito fundamental. O batismo não é apenas a porta pela qual entramos na Igreja do Senhor e futuramente no Reino Celestial, mas também a porta para o processo precioso, indispensável e contínuo de tornarmos “perfeitos em Cristo” (Morôni 10:32, 33) que cada um de nós deseja e de que tanto necessita. Esse processo, conforme descrito na quarta regra de fé, começa com a fé no Senhor Jesus Cristo, é seguido pelo arrependimento, depois vem o “batismo por imersão para remissão de pecados” e, por fim, o recebimento do Espírito Santo.

Em termos simples, podemos chamar esse processo contínuo de *conversão*. Jesus referiu-Se a isso em Suas palavras a Nicodemos. Como o Mestre dos mestres, Ele abordou a questão implícita de Nicodemos

sobre o que precisamos fazer para ser salvos, dizendo: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (João 3:3).

Nascer de novo exige mais do que o batismo, explicou o Élder David A. Bednar, do Quórum dos Doze Apóstolos:

“O renascimento espiritual descrito [nas escrituras] normalmente não ocorre de imediato ou de uma só vez; é um processo contínuo, não um evento isolado. (...)”

Iniciamos o processo de nascer de novo exercendo fé em Cristo, arrependendo-nos de nossas faltas e sendo batizados, por imersão, para a remissão dos pecados, por uma pessoa que possua a autoridade do sacerdócio”. Mas outros “passos essenciais no processo de nascer de novo” incluem “imersão e saturação totais no evangelho do Salvador”.²

“Nascer de novo” é outra maneira de referir-se à conversão. É ter “um coração quebrantado e um espírito contrito”, a única oferta que o Salvador afirmou que aceitará (ver 3 Néfi 9:19–20). Certamente, nenhum de nós conseguirá “ver” o reino de Deus até termos “experimentado esta poderosa mudança em [nosso] coração” (Alma 5:14; ver também Mosias 5:2; Alma 5:26).

Esse processo, que leva à remissão de nossos pecados, começa com a fé suficiente para nos arrependermos e sermos batizados. Mórmon explicou esse princípio ao ensinar: “E o primeiro fruto do arrependimento é o batismo; e o batismo vem pela fé, para cumprirem-se os mandamentos; e o cumprimento dos mandamentos traz remissão de pecados” (Morôni 8:25).

Assim como muitos membros da Igreja, não passei por uma experiência de conversão excepcional como a de Glen e outros.

Nasci “de bons pais” (1 Néfi 1:1; ver também Enos 1:1) e fui batizado aos oito anos de idade. Como uma pessoa assim pode ter a mesma conversão vivenciada pelos que se filiam à Igreja com mais idade?

A Porta para uma Conversão Duradoura

Trata-se de uma das coisas mais maravilhosas que cada um de nós pode fazer para entender sobre a porta chamada batismo. O batismo não é o destino final nem mesmo quando acompanhado do elemento essencial do dom do Espírito Santo. O batismo é a porta que dá acesso ao processo contínuo da conversão verdadeira e duradoura, um processo que se prolongará por toda a vida.

Assim como com qualquer novo membro, o processo inicia-se com o desejo sincero e fervoroso de fazer a vontade do Pai sendo batizado. Começa com uma avaliação metódica de todos os nossos pecados anteriores e um empenho irrestrito para cessá-los, confessá-los, fazer a restituição quando possível e nunca voltar a praticá-los. Após o batismo, recebemos o direito à companhia constante do Espírito Santo, contanto que sempre recordemos o Salvador em tudo o que pensarmos, fizermos e formos. E assim somos purificados (ver 2 Néfi 31:17).

Mas e se cometermos outro pecado depois de sermos batizados? Tudo está perdido? Em Sua infinita misericórdia, nosso Pai previu nossas fraquezas humanas. Podemos retomar o processo de fé e esperança em Cristo e o arrependimento sincero. Mas, dessa vez e em vezes subsequentes, a ordenança do batismo, em regra, não é mais necessária. Para isso, o Senhor criou a ordenança do sacramento. Ela nos dá semanalmente a oportunidade de nos autoexaminarmos (ver I Coríntios

11:28) e simbolicamente depormos nossos pecados no altar do Senhor ao nos arrependermos sinceramente, voltarmos a buscar Seu perdão e depois seguirmos avante em novidade de vida.

Esse é o processo mencionado pelo rei Benjamim ao falar de “[nos despojarmos] do homem natural e [nos tornarmos santos] pela expiação de Cristo, o Senhor” (Mosias 3:19). Esse processo que alivia nossos fardos e literalmente nos exalta foi citado por Paulo ao falar de sermos “sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. (...)

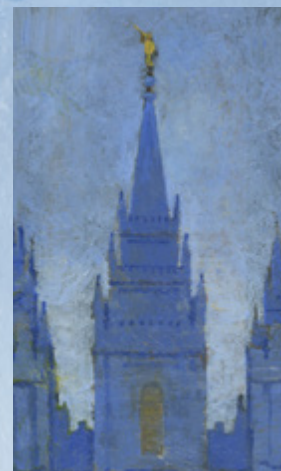
Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado” (Romanos 6:4, 6).

Esse é o processo contínuo e cumulativo que nos permite regozijar-nos com os anjos na misericórdia e nos méritos de Cristo (ver Alma 5:26). Inclui o crescimento espiritual a nosso alcance quando recebemos as ordenanças e guardamos os respectivos convênios oferecidos nas ordenações ao sacerdócio e no templo.

Oro para que cada um de nós alcance uma melhor compreensão de nossa necessidade do batismo, do acesso que ele nos proporciona ao processo contínuo de conversão e do misericordioso amor expiatório de nosso Salvador, que está “à porta” (Apocalipse 3:20) e nos convida a entrar e a habitar com Ele e o Pai para sempre. ■

NOTAS

1. Guia para Estudo das Escrituras, “Batismo, Batizar”, scriptures.LDS.org.
2. David A. Bednar, “Necessário Vos É Nascer de Novo”, *A Liahona*, maio de 2007, p. 19, grifo do autor.





Um Novo Templo, TRÊS NOVAS OPORTUNIDADES

A vida destas três famílias mudou ao participarem da visitação pública do Templo de Quetzaltenango Guatemala.

Don L. Searle

Missionário sênior, Área América Central, 2012–2014

O Início de uma Nova Vida

No verão de 2011, a família Wundram estava prestes a mudar-se da Guatemala para os Estados Unidos a fim de que Carlos Wundram, que é médico, fizesse uma especialização.

“Quando estávamos prontos para partir”, lembra ele, “algo me deteve”. Sua esposa, Adriana, teve os mesmos sentimentos, por isso oraram juntos e receberam a confirmação no coração de que não deviam ir.

Cancelaram os planos e ficaram perguntando-se o que Deus tinha reservado para eles. Iam descobrir quatro meses depois.

Carlos era membro da Igreja desde os 14 anos de idade, mas ficara menos ativo na época em que iniciara os estudos universitários, aos 21 anos.

Adriana, embora não fosse membro, por muito tempo desejara casar-se com um santo dos últimos dias. Uma boa amiga dela, membro da Igreja, casara-se com um ex-missionário que era carinhoso, amoroso e atencioso. Adriana queria um marido assim.

Quando eles começaram a namorar, Adriana e Carlos não falaram da religião dele, mas ele demonstrou muitas das qualidades do esposo de sua amiga. Ele não agia como se fosse superior a ela. Depois que eles se casaram e tiveram filhos, ela valorizava o fato de ele dar banho nos bebês e trocar fraldas.

À medida que os três filhos cresciam, “começamos a achar que devíamos nos aproximar de Deus”, conta Carlos. Eles não encontraram o que buscavam na igreja cristã que frequentaram por um tempo, mas a sensação de que precisavam chegar-se a Deus persistia.

Depois de desistirem da mudança para os Estados Unidos, a família Wundram resolveu fazer algumas reformas na casa, inclusive com a compra de novas janelas. Imediatamente simpatizaram com o homem que foi fazer a instalação, José Mena. Certo dia, durante uma conversa tocaram no assunto de religião. Ele revelou ser membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos

Dias, e Carlos comentou que também era, apesar de não frequentar havia algum tempo.

Quando voltou à casa da família para trabalhar nas janelas, o irmão Mena levou um Livro de Mórmon e um exemplar da revista *A Liahona* para cada membro da família. Ao ler a revista, Carlos começou a ter sentimentos espirituais que já conhecia. Depois, o irmão Mena convidou a família para participar da visitação pública do Templo de Quetzaltenango Guatemala.

Quando entraram no templo, os filhos do casal começaram a perguntar: “Pai, o que podemos fazer para ser membros desta Igreja?” Quando estavam saindo, o filho mais novo, Rodrigo, de dez anos, ficou mais um tempo e, com a ajuda da mãe, preencheu um cartão para solicitar uma visita dos missionários.

A família recebeu os missionários. “Eu não queria pressionar minha família para ser batizada”, conta Carlos. “Mas eles sentiram fortemente o Espírito por si mesmos.”

Adriana e os filhos foram batizados em dezembro de 2011, alguns dias antes da dedicação do Templo de Quetzaltenango. “E Deus me concedeu a bênção grandiosa de batizá-los”, relata Carlos. Pouco mais de um ano depois, a família foi selada no templo, uma ocasião de enorme alegria para todos eles.





A Oportunidade do Selamento

Quando Ana Victoria Hernández, que não era membro da Igreja, se casou com Belbin Calderón, ele era membro, mas não estava frequentando por trabalhar aos domingos. Belbin conta que um forte sentimento o trouxe de volta. Ele recorda: “Larguei meu emprego porque queria voltar para a Igreja”. Depois de voltar à atividade, sua esposa percebeu que ele estava tornando-se mais humilde e que havia mais união no lar.

Belbin esperava que a esposa se interessasse pelo evangelho, mas nunca a pressionou. Certo domingo, ao tirar a poeira da estante, Ana Victoria descobriu um livro de Belbin sobre a história da Igreja. Curiosa, começou a ler. As histórias dos sacrifícios dos pioneiros a tocaram profundamente.

Algumas semanas depois, chegou a revista *A Liahona* de outubro de 2011, uma edição especial sobre o Livro de Mórmon. Mais uma vez, por curiosidade, Ana Victoria começou a ler o Livro de Mórmon. Em pouco tempo, percebeu que ele continha não só um relato histórico, mas também palavras de profetas. Ela começou a frequentar a reunião sacramental com o marido e os filhos.

Em seguida, ela e a família foram à visitação pública do Templo de Quetzaltenango. Ana Victoria ficou tocada ao saber que sua família poderia ser selada para a eternidade. “Foi algo que exerceu grande impacto em mim. Senti a necessidade de ser selada a eles”, lembra. Ela começou a receber as lições dos missionários e foi batizada em 7 de dezembro de 2011. Estava presente à dedicação do templo quatro dias depois.

O irmão e a irmã Calderón foram selados no templo com os filhos em dezembro de 2012. Ana Victoria conta que nem tem palavras para descrever a felicidade de saber que pode estar para sempre com sua família. Sobre a

certeza de seu selamento, Belbin disse: “É a maior bênção que eu poderia imaginar”.

O Templo Tocou o Espírito Dele

A construção de um templo em Quetzaltenango, Guatemala, foi a realização de um sonho de Mónica Elena Fuentes Álvarez de Méndez. Ela é filha de um pioneiro da Igreja que incutiu nela um amor pelo evangelho e por todas as suas bênçãos. Sua mãe, Magda Ester Álvarez, foi batizada em 1953, seis anos após a chegada dos santos dos últimos dias à Guatemala.

Mónica foi criada na Igreja e acabou casando-se com um bom homem, Enio Méndez, que não era membro. Ele apoiava a esposa e a filha nas atividades da Igreja e admirava seus membros, mas não mostrava interesse em ser batizado. No entanto, Mónica lembra-se de ouvir a mãe lhe dizer que um dia seu marido se tornaria membro. “Nunca perdi a fé”, conta ela, mesmo sem ter a mínima ideia do que poderia causar a conversão dele.

Sua mãe era abençoada por ir periodicamente ao templo na Cidade da Guatemala e sentiu enorme alegria em 2006 quando foi anunciado um templo para Quetzaltenango. No entanto, Magda Álvarez sofria de uma doença terminal e faleceu em 2008, antes da construção do templo em Quetzaltenango.

Mónica e sua filha jovem adulta, Mónica Esther Méndez Fuentes, serviram juntas como guias durante a visitação pública do Templo de Quetzaltenango. Enio foi com elas à visitação pública e, sem elas saberem, voltou outras duas vezes.

Ao saírem do templo juntas no último dia da visitação pública, Mónica e a filha ficaram se perguntando se a predição de Magda Álvarez sobre Enio se concretizaria um dia.

Enio sempre achara que não havia o menor problema em pertencer à igreja dele e a esposa e a filha pertencerem à igreja delas, contanto que eles respeitassem as crenças uns dos outros. Mas as experiências dele na visitação pública do templo fizeram-no refletir muito. “Sem dizer nada a elas, comecei a jejuar e a orar”, relata ele. Ele foi até as montanhas, onde gosta de ir para meditar. “Perguntei ao Senhor: ‘E então, o que devo fazer?’” Na verdade, ele já sabia o que era certo, mas precisava sanar dúvidas.

Enio foi batizado em abril de 2012 — uma experiência profundamente tocante tanto para a esposa quanto para a filha.

A família Méndez foi selada no Templo de Quetzaltenango em outubro de 2013. A irmã Méndez externou a alegria imensa que elas sentiram ao alcançarem uma meta eterna e a esperança de permanecerem fiéis até o fim da vida. ■



BRILHAR COMO UMA JOIA

Na cerimônia da pedra angular do Templo de Quetzaltenango Guatemala, o Presidente Dieter F. Uchtdorf, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência, prometeu: “Este templo trará famílias eternas para esta cidade e para este país”.¹ Entre os “filhos e filhas de Leí”,² como o Presidente Uchtdorf os descreveu, o templo tornou-se um farol de esperança. Fez também comentários sobre a beleza do templo: “Ele tem um brilho resplandecente como uma joia e de fato é uma joia para esta região”.³

TEMPLO DE QUETZALTENANGO GUATEMALA

Anunciado em 16 de dezembro de 2006 pelo Presidente Gordon B. Hinckley (1910–2008)

Dedicado em 11 de dezembro de 2011 pelo Presidente Dieter F. Uchtdorf

126.000 pessoas compareceram à visitação pública, realizada em novembro de 2011

136º templo em funcionamento no mundo

Segundo templo da Guatemala (depois do Templo da Cidade da Guatemala, Guatemala, dedicado pelo Presidente Hinckley em 1984)

Tamanho do templo: 1.959 m²

Distrito do templo: 60.000 membros em 15 estacas e 7 distritos

NOTAS

1. Dieter F. Uchtdorf, em Jason Swensen, “Quetzaltenango Guatemala Temple: ‘This Temple Will Bring Eternal Families to This Place and Country’”, *Church News*, 11 de dezembro de 2011, LDSchurchnews.com.
2. “Quetzaltenango Guatemala Temple: Dedicatory Prayer”, LDSchurchtemples.com/quetzaltenango.
3. “Dedication Held for Quetzaltenango Guatemala Temple”, Church Newsroom, 11 de dezembro de 2011, mormonnewsroom.org.



COMO A HISTÓRIA DA FAMÍLIA MUDA O Coração e a Mente

A pesquisa de nossa história da família e a realização das ordenanças do templo por nossos antepassados nos ajudam a ver a vastidão, mas também o caráter íntimo do plano de Deus.

Amy Harris

Professora de História e Genealogia,
Universidade Brigham Young

Durante muitos anos, a cada vez que eu ia ao templo, pensava em minha trisavó Hannah Mariah Eagles Harris (1817–1888), mas não por precisar realizar ordenanças do templo em favor dela.

Mariah (como preferia ser chamada) é um dos motivos para minha família estar na Igreja hoje. Ela foi batizada em 1840 na Inglaterra, recebeu a investidura em Nauvoo, Illinois, foi selada ao marido em Winter Quarters, Nebraska, e morreu em Utah. Meus pensamentos voltados a ela enquanto eu estava no templo não tinham a ver com a necessidade de realizar as ordenanças por ela, mas com a maneira pela qual essas ordenanças me ligavam a ela no tempo e no espaço.

Quando eu era criança, morava na mesma cidade de Utah onde ela vivera e, anos depois, visitei Winter Quarters, Nauvoo e a cidadezinha inglesa onde ela nasceu. Fiquei impressionada com as longas distâncias que ela tinha percorrido e com as diferenças enormes entre a vida dela e a minha.

No entanto, apesar das diferenças de tempo, espaço e circunstâncias que nos separam, sinto-me ligada a minha trisavó tanto pelo convênio do selamento quanto pelo fato de ter conhecido melhor sua vida. Esse vínculo só vem reforçar as razões que regem o trabalho de história da família especificamente e a adoração no templo de maneira geral.



A participação na pesquisa de história da família nos ensina sobre a vastidão e grandiosidade da criação de Deus e salienta o alcance individual e misericordioso da Expição de Cristo.

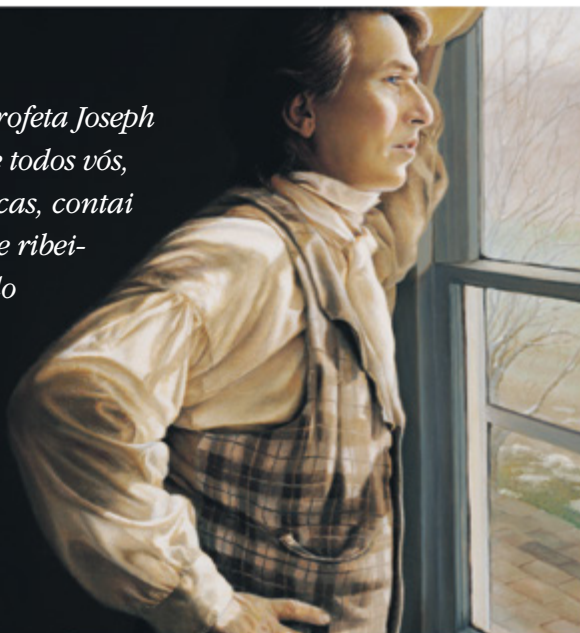
Maior Amor por Meio da História da Família

O Senhor ensinou que, embora os mundos criados por Ele para Seus filhos sejam “inumeráveis para o homem; (...) todas as coisas são enumeráveis para mim, pois são minhas e eu conheço-as” (Moisés 1:35). O trabalho do templo e história da família nos oferece a oportunidade de participar da obra de salvação de Jesus Cristo.¹ Ao fazermos isso, aprendemos a amar e ser misericordiosos para com nossos familiares, amigos e todas as pessoas que viermos a conhecer, pois são todos nossos irmãos.²

Ao recordarmos nossos próprios antepassados, reconhecemos a grandeza do plano e da criação do Pai Celestial. O Senhor criou um lugar para sermos testados e termos fé, mas, como pouquíssimas pessoas têm a chance de receber a plenitude dos convênios de Deus durante a mortalidade, o caráter misericordioso do trabalho vicário nos ajuda a lembrar que o Senhor ama a *todos* os Seus filhos e preparou um caminho para que todos possam escolher a plenitude das bênçãos do evangelho a despeito das circunstâncias da mortalidade (ver 2 Néfi 26:20–28, 32–33).

Além disso, ao aprendermos sobre a vida de nossos antepassados, podemos lembrar que nem tudo na vida transcorrerá facilmente, que haverá decepções e desigualdades

No tocante à doutrina da salvação para os mortos, o Profeta Joseph Smith escreveu: “Que as montanhas gritem de alegria e todos vós, vales, clamai em alta voz; e todos vós, mares e terras secas, contai as maravilhas de vosso Eterno Rei! E vós, rios e riachos e ribeiros, fluí com alegria. Que as matas e todas as árvores do campo louvem ao Senhor; e vós, pedras sólidas, chorai de alegria! E que o sol, a lua e as estrelas da manhã cantem juntas e que todos os filhos de Deus gritem de alegria. E que as criações eternas proclamem seu nome para todo o sempre” (D&C 128:23).



neste mundo decaído. Mas o ato de aprender sobre a vida deles e realizar ordenanças por eles também pode nos lembrar que ninguém está fora do alcance do amor de Deus (ver Romanos 8:38–39).

Minha avó Mariah ficou entusiasmada com essa verdade quando a ouviu ser pregada pela primeira vez. Em 1840–1841, durante a primeira onda de batismos vicários realizados no Rio Mississippi e no então recém-concluído Templo de Nauvoo, ela aproveitou a oportunidade para ser batizada por sua irmã, que falecera antes da chegada dos missionários à Inglaterra.³ Embora eu nunca tenha conhecido Mariah pessoalmente, temos em comum o amor pelos irmãos e o conhecimento de que esse amor pode continuar além da morte em virtude das ordenanças do templo. O fato de partilhar com ela esse conhecimento também me inspira maior amor por ela.

Não é de surpreender que o Profeta Joseph Smith tenha ficado quase subjugado pela bela e misericordiosa doutrina da salvação pelos mortos, que ele descreveu como o “mais glorioso de todos os assuntos pertencentes ao evangelho eterno” (D&C 128:17): “Que as montanhas gritem de alegria e todos vós, vales, clamai em alta voz; e todos vós, mares e terras secas, contai as maravilhas de vosso Eterno Rei! E vós, rios e riachos e ribeiros, fluí com

alegria. Que as matas e todas as árvores do campo louvem ao Senhor; e vós, pedras sólidas, chorai de alegria! E que o sol, a lua e as estrelas da manhã cantem juntas e que todos os filhos de Deus gritem de alegria. E que as criações eternas proclamem seu nome para todo o sempre” (D&C 128:23).⁴

Assim como Mariah, que entusiasticamente pediu para ser batizada pela irmã, outros santos daquela época sentiram a mesma alegria. Um desses santos dos primeiros anos da Restauração, Sally Carlisle, escreveu: “Como é glorioso crermos e (...) agora podermos ser batizados por todos os nossos amigos falecidos e salvá-los desde que adquiramos conhecimento sobre eles”.⁵

Por Todos — E por Um

Como demonstram essas reflexões, a história da família é um trabalho muito vasto que também tem um lado bem pessoal. Aprendemos não só sobre a grandiosidade, mas também sobre a profundidade do amor do Senhor, pois Ele Se importa com as pessoas individualmente. O Senhor, que vê até um passarinho cair e vai atrás de uma única ovelha perdida num rebanho de cem (ver Mateus 10:29; Lucas 15:4), não nos redime em massa, mas um por um, assim como ministrou ao povo durante Seu ministério terreno

e tal como abençoou as pessoas reunidas no templo em Abundância (ver 3 Néfi 17).

O Senhor também ensinou aos santos do início da Restauração um padrão meticuloso para a manutenção de registros relativos às ordenanças vicárias realizadas para cada pessoa (ver D&C 128:1–5, 24). Assim, fazemos um trabalho cuidadoso para identificar os antepassados individualmente, e não só acumular catálogos de nomes. Por meio desse trabalho, temos um vislumbre da misericórdia de Deus, de Sua compaixão e do valor de uma alma individualmente.

Além disso, ao travarmos conhecimento das histórias de vida de nossos antepassados, vamos aprender a amá-los, apesar de seus defeitos e suas falhas. Ao vermos como as vicissitudes da mortalidade moldaram as escolhas de nossos antepassados, sentiremos compaixão por eles. Esse processo deve melhorar nossa capacidade de desenvolver o mesmo tipo de amor pelos vivos, tanto no seio de nossa família como por todos os filhos de Deus. Ao sentirmos de modo mais profundo que todas as pessoas, até mesmo a maioria que veio à Terra sem a oportunidade de receber os convênios e as ordenanças, são filhos de pais celestes, vamos perceber melhor que a vida é uma prova de fé e de fortaleza para todos os que já viveram, “de acordo com a utilização que fizeram da luz que [Deus] lhes concedeu”.⁶

A influência refinadora do trabalho de história da família pode aumentar nossa própria capacidade de amar. Se passarmos a amar as pessoas falecidas já há tanto tempo, que levaram uma vida muito diferente da nossa, será que não perceberemos o quanto Deus é amoroso e misericordioso para conosco? E será que então não vamos amar nossos familiares e vizinhos e ter compaixão por suas falhas?

Quando as pessoas veem a única fotografia conhecida de minha avó Mariah, costumam comentar que sua fisionomia é sisuda e antipática. Imediatamente a defendo porque

a conheço. Conheço a pessoa que andou ao longo do Rio Severn quando menina e quando mãe de filhos pequenos. Conheço a pessoa que atravessou o oceano, dando à luz o quarto filho durante a viagem. Conheço a pessoa que mandou o marido para a guerra e perdeu um recém-nascido durante a ausência dele. Conheço a pessoa que andou 1.600 quilômetros até um novo lar nos desertos do Oeste dos Estados Unidos. Conheço a pessoa que trabalhou, fez convênios, lavrou a terra e amou. E, ao conhecê-la, tenho uma noção do amor de nossos pais celestiais por ela e por cada um de seus filhos.

História da Família — A Grandiosidade e o Alcance Misericordioso

O cerne da história da família não é o uso do computador, a leitura de manuscritos antigos nem a criação de anotações meticulosas e citações. Essas são ferramentas ou funções da história da família, mas não constituem a alma desse trabalho nem captam o significado do motivo pelo qual os santos dos últimos dias buscam seus antepassados. A história da família, em sua essência, nos ensina a grandiosidade da criação e redenção e simultaneamente nos ajuda a recordar o alcance pessoal e misericordioso da Expição de Cristo.

A busca de nossos antepassados pode exercer um efeito semelhante em nosso coração e nossa mente quando nos dermos conta de que todas essas pessoas — “incontáveis como as areias da praia” (Moisés 1:28) — são filhas de pais celestiais e são amadas e conhecidas por eles. Não é à toa que Joseph descreveu a entrada no Reino Celestial como a passagem por uma porta de “incomparável beleza” (D&C 137:2), pois o que poderia ser incomparavelmente mais belo do que ser salvo por aqueles que conhecemos e amamos e que também foram, como nós, redimidos pelo amor amplo e pessoal de Deus? Não vejo a hora de me encontrar com minha avó Mariah nessa porta. ■

NOTAS

1. Ver *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 497.
2. O Elder Russell M. Nelson ensinou que uma função do Espírito de Elias — uma manifestação do Espírito Santo — é prestar “testemunho da natureza divina da família”. Isso pode dizer respeito tanto à natureza divina de nossos relacionamentos familiares mortais quanto à divindade e ao potencial de todos os filhos de Deus. Ver Russell M. Nelson, “Uma Nova Colheita”, *A Liahona*,

- julho de 1998, p. 37. Ver também Richard G. Scott, “A Alegria de Redimir os Mortos”, *A Liahona*, novembro de 2012, p. 93.
3. Mariah Harris batizada pela irmã Edith Eagles, 1841, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Nauvoo Proxy Baptism Records, 1840–1845, Family History Library US/Canada filme 485753, item 2, vol. A, p. 42.
4. Para uma discussão aprofundada sobre como as mortes na família Smith influenciaram a busca de Joseph Smith por respostas sobre a salvação dos mortos, ver Richard E.

- Turley Jr., “The Latter-day Saint Doctrine of Baptism for the Dead”, serão de história da família da BYU, 9 de novembro de 2001, familyhistory.byu.edu.
5. Sally Carlisle, em Steven Harper, *Making Sense of the Doctrine and Covenants: A Guided Tour through Modern Revelations*, 2008, pp. 470–471.
6. *Ensinamentos: Joseph Smith*, p. 426; ver também Deuteronomio 8:2; Morôni 7:16; Doutrina e Convênios 76:41–42; 127; 137:7–9; Abraão 3.



**Élder
Neil L. Andersen**
Do Quórum dos
Doze Apóstolos

“Nestes Dias” de Templos e Tecnologia

*Estes são seus dias para voltar o coração
para seus antepassados de modo mais
pleno e levar as ordenanças de salvação
a milhões de seus familiares.*

Já se perguntaram por que foram enviados à Terra agora e não numa época diferente da história? Como é que seria conviver com Moisés ou ser amigos de Maria, a mãe de Jesus? E viver em Nauvoo na época em que o Profeta Joseph andava pelas ruas ou unir-se a outros adolescentes que empurraram carrinhos de mão por 1.600 quilômetros até chegarem ao novo lar no Vale do Lago Salgado?

Às vezes pensamos em épocas passadas ou em lugares diferentes e perguntamos: “Por que não eu? Por que estou aqui neste local e nesta época?”





Quero desafiar cada um de vocês a estabelecer a meta pessoal de ajudar a preparar o maior número possível de nomes para o templo, assim como realizar batismos lá.

Vocês não são os primeiros a questionar-se sobre o período e o lugar em que vivem. Um profeta que viveu nas Américas fez as mesmas perguntas. Seu nome era Néfi, não o Néfi do início do Livro de Mórmon, mas o Néfi filho de Helamã (filho de Helamã) e bisneto do Profeta Alma, filho de Alma.

No mundo em que Néfi vivia, o dinheiro, o poder e a fama eram mais importantes do que a retidão. Muitas pessoas desrespeitavam abertamente os mandamentos. Mentiam, apoderavam-se do que não lhes pertencia e violavam a lei da castidade. Os que guardavam os mandamentos eram ridicularizados e maltratados (ver Helamã 7:4–5, 21; 8:2, 5, 7–8).

“Quando Néfi viu [essas coisas], encheu-se-lhe o coração de mágoa (...); e exclamou, na agonia de sua alma:

Oh! Se eu tivesse vivido nos dias em que meu pai Néfi saiu da terra de Jerusalém, para que eu me regozijasse com ele na terra da promessa! Então seu povo era fácil de persuadir, firme na obediência aos mandamentos de Deus, lento em ser induzido à prática de iniquidades; e era rápido em dar ouvidos às palavras do Senhor—

Sim, se eu pudesse ter vivido naqueles dias, então minha alma se teria regozijado com a retidão de meus irmãos!” (Helamã 7:6–8.)

Néfi foi um grande profeta de Deus, mas por algum tempo se perguntou por que estava vivendo na Terra em *sua* época. Ele sabia que o Salvador viria à Terra num futuro não muito distante, mas naquele momento os belos acontecimentos iminentes pareciam intangíveis.

Apenas 20 anos depois de ele ter preferido essas palavras, haveria uma noite sem escuridão e Jesus nasceria em Belém. Dentro de 55 anos, o Salvador, ressuscitado e glorificado, desceria dos céus e apareceria para os santos na terra de Abundância. O filho de Néfi estaria lá, e o Salvador se dirigiria a ele pessoalmente e o ordenaria um dos doze discípulos escolhidos no Hemisfério Ocidental. Podemos supor que os filhos e netos de Néfi estivessem entre os 2.500 santos a quem Cristo convidou, um a um, para irem à frente e sentirem pessoalmente as marcas dos cravos em Suas mãos e Seus pés. E não seria improvável crer que os bisnetos de Néfi estivessem entre as crianças que

o Salvador abençoou uma a uma e que foram circundadas por fogo e receberam o ministério de anjos. Se Néfi tivesse visto claramente o futuro de seus familiares e amigos, por certo não teria desejado alterar o tempo de sua mortalidade.

Felizmente Néfi permaneceu justo, ensinou as pessoas com coragem, operou milagres grandiosos e, juntamente com o Profeta Samuel, profetizou sobre a vinda iminente do Salvador. O Senhor, com Suas próprias palavras, prometeu abençoar Néfi para sempre (ver Helamã 10–11; 16).

Embora ele tivesse se questionado sobre seu tempo e lugar, concluiu com palavras contundentes: “Mas eis que me toca viver nestes dias” (Helamã 7:9).

Amados jovens irmãos e irmãs, estes são os seus dias. Vocês foram escolhidos para viver os anos finais que antecedem o retorno do Salvador à Terra. Não sabemos o dia ou ano exato de Sua vinda, mas podemos ver prontamente os sinais que a precedem.¹

Um dia, assim como Néfi acabou por perceber seu papel primordial na preparação

para a visita do Salvador aos nefitas, vamos fazer um retrospecto e ver a bênção gloriosa que foi viver em nossa época, na qual preparamos o mundo para o retorno do Salvador. Enxerguemos além das dificuldades e dos obstáculos que se abatem sobre nós para vislumbrar nossos propósitos importantes e os dias gloriosos à frente. Repitamos todas as palavras de Néfi: “[Toca-nos] viver nestes dias”.

Nestes dias que lhes cabem, o que o Senhor pede de vocês? Primeiro, devem tomar sobre si o nome de Jesus Cristo. Aprendam com Ele e com Seu amor e Sua bondade indescritível para com vocês e assumam o compromisso de sempre guardar Seus mandamentos. Devem seguir o Salvador, amar a Deus e servir às pessoas a sua volta. Todos nós temos o privilégio de viver nossa vida como discípulos de Cristo, sendo guiados por Seu Espírito e inspirando as pessoas que nos rodeiam.

Um Dever Sagrado

Algumas experiências são reservadas a gerações específicas. Gostaria de falar de



um desses deveres sagrados que nunca foi exatamente o mesmo para qualquer geração anterior.

Faz poucos anos que os templos começaram a estar ao alcance dos santos em todo o mundo. Com a dedicação do Templo de Phoenix Arizona em 16 de novembro de 2014, agora contamos com 144 templos em funcionamento no mundo. Quando eu era jovem, havia apenas 13 templos no mundo inteiro.

Minha esposa, a irmã Kathy Andersen, foi criada no Estado da Flórida, EUA. Quando ela tinha cinco anos, seus pais levaram a família ao templo para o selamento. Para chegarem ao Templo de Salt Lake, precisaram percorrer 4 mil quilômetros pelos Estados Unidos, numa viagem de carro de seis dias. Hoje há 47 templos mais perto da Flórida do que o de Salt Lake.

O Presidente Thomas S. Monson incentivou os jovens da Igreja a irem com frequência ao templo para fazer batismos pelos mortos. Aconselhou-os: “Agora, vocês, meus jovens amigos que estão na adolescência, tenham sempre o templo em vista. Não façam nada que os impeça de entrar por

suas portas e ali partilhar as bênçãos sagradas e eternas. Elogio aqueles de vocês que já vão ao templo regularmente para realizar batismos pelos mortos, acordando bem cedo pela manhã para poderem participar desses batismos antes da escola. Não consigo imaginar um modo melhor de começar o dia”.²

Vocês deram ouvidos ao profeta do Senhor e anualmente milhões de espíritos do outro lado do véu recebem a oportunidade de aceitar o batismo. Nenhuma geração que já viveu nesta Terra teve um privilégio tão grande quanto vocês de passar pelas portas da casa do Senhor e auxiliar na salvação de pessoas que já se foram.

Como vocês bem sabem, há um primeiro passo vital que nos permite realizar o trabalho sagrado do templo. Devemos buscar e encontrar os membros de nossa família que vieram antes de nós.

Em sua primeira visita ao Profeta Joseph Smith, Morôni indicou que “o coração dos filhos [se voltaria] para seus pais” (D&C 2:2). Posteriormente, o Profeta Joseph Smith explicou que os membros da Igreja se tornariam

O Profeta Joseph falou desse trabalho como um “elo de ligação” que une as famílias de uma geração a outra (D&C 128:18).





“salvadores no Monte Sião. (...) Como eles se tornarão salvadores no Monte Sião? Construindo seus templos (...) e recebendo todas as ordenanças (...) em favor de todos os seus antepassados falecidos (...); e essa é a corrente que une o coração dos pais aos filhos e dos filhos aos pais”.³

O Profeta Joseph falou desse trabalho como um “elo de ligação” que une as famílias de uma geração a outra (D&C 128:18). Na época de Joseph, para criar elos de uma corrente, era preciso amolecer e fundir dois pedaços de metal num forno em alta temperatura e depois soldá-los enquanto ainda estivessem maleáveis e em seguida deixá-los esfriar e endurecer para formar uma corrente sólida. A importância do forte elo espiritual que une a todos nós eternamente foi descrita com clareza nas escrituras: “Sem eles, não podemos ser aperfeiçoados; nem podem eles, sem nós, ser aperfeiçoados” (D&C 128:18).

No passado, o trabalho de encontrar nomes de familiares, documentá-los e levá-los ao templo era principalmente feito por membros da Igreja de mais idade. Por quê? Porque exigia muitíssimo tempo e esforço.

Em geral, começava-se com rolos enormes de registros microfilmados. Era preciso prestar muita atenção a datas e lugares, pesquisar em grossos livros históricos com disponibilidade limitada e por vezes visitar cemitérios remotos no interior.

A possibilidade de encontrar antepassados online surgiu apenas nos últimos anos, com tremendos avanços nos últimos meses. Nos próximos meses, o acesso será ainda mais facilitado.

Sua geração já demonstrou profunda fidelidade na frequência ao templo; agora, nos próximos meses, vocês serão igualmente exemplares no empenho de encontrar nomes e levá-los consigo ao templo.

Quero desafiar cada um de vocês a estabelecer a meta pessoal de ajudar a preparar o maior número possível de nomes para o templo, assim como realizar batismos lá. (Para iniciar o desafio, visite o site templechallenge.LDS.org/go/3215059.) Há um poder extraordinário em buscar pessoas que precisam de ordenanças do templo, em saber quem são essas pessoas e depois em fazer parte do recebimento dessas ordenanças sagradas. É assim que



Quando nos enxergamos com a perspectiva da família, com as pessoas que nos antecederam e as que nos sucederão, percebemos que fazemos parte de um elo maravilhoso que liga a todos nós.

vocês se tornam “salvadores no Monte Sião” (ver Obadias 1:21 e D&C 103:9). Há uma alegria e uma satisfação que somente são compreendidas por meio de sentimentos espirituais. Estamos ligados a nossos antepassados para sempre.

Em alguns casos, a família já está na Igreja há muitas gerações e boa parte das ordenanças por nossos antepassados diretos já foi realizada. Em 2013, vi online pela primeira vez meus ancestrais num gráfico em leque, que trazia, entre outros, meu bisavô Niels Andersen, cujo nome herdei, e meu trisavô Moroni Stocks, o primeiro parente a receber o nome de um profeta do Livro de Mórmon. Tive a oportunidade de ver fotos de dezenas de familiares online. Vocês sabem como era a aparência de seus bisavós?

Encontrar Nossos Primos

Se seu gráfico não for tão completo quanto o meu, sua primeira responsabilidade é preenchê-lo até onde for possível. Todos os meses, há cada vez mais informações sendo divulgadas.

E mesmo que seu gráfico seja tão completo quanto o meu, há um trabalho muito

importante para vocês realizarem. É um trabalho que não tem fim. Não estará concluído nem quando o Salvador voltar. Quando nosso gráfico parecer completo, podemos ajudar outras pessoas a acharem antepassados em suas linhagens e depois identificar os que tiverem algum parentesco próximo com os de nossa própria árvore genealógica. A isso chamamos “encontrar nossos primos”.

Como encontrar nossos primos? De duas formas.

Primeiro, vamos até nosso gráfico e procuramos pessoas com grau de parentesco próximo com nossas trisavós ou nossos avôs. Eu poderia, por exemplo, olhar em meu gráfico a avó Frances Bowen Evans e depois olhar a família dos irmãos da avó Evans. Ela tinha cinco irmãs e dois irmãos. Assim posso achar meus primos.

A segunda maneira de encontrar nossos primos é ajudar as pessoas a nossa volta. Começamos com o livreto especial *Minha Família*. Se sua família for nova na história da família, preencha o livreto. Se sua árvore se parecer com a minha, leve o livreto para um membro novo ou alguém que não tenha se envolvido tanto na Igreja quanto sua família

e ajude essa pessoa a pesquisar sobre a família dela. Ao fazer isso, você vai ajudá-los a levar nomes ao templo. São seus irmãos, mas também gostamos de chamá-los de seus “primos”.

Somos todos irmãos na família do Pai. Nossa própria família não é fruto do acaso. O Presidente Monson afirmou: “Descobrimos algo sobre nós mesmos quando aprendemos sobre nossos antepassados”.⁴

Quando nos enxergamos com a perspectiva da família, com as pessoas que nos antecederam e as que nos sucederão, perceberemos que fazemos parte de um elo maravilhoso que liga a todos nós. Ao pesquisarmos sobre eles e levarmos seu nome ao templo, proporcionamos-lhes algo que não podem alcançar sem nós. Ao fazer isso, ficamos ligados a eles; e o Senhor, por meio de Seu Espírito, confirma para nossa alma a importância eterna do que estamos fazendo.

O Presidente Monson explicou: “Aqueles que compreendem as bênçãos eternas que advêm do templo sabem que nenhum sacrifício é grande demais, nenhum preço é alto demais, nenhuma luta é difícil demais para receber essas bênçãos”.⁵

Faço minhas essas palavras e acrescento que bênçãos e poder do alto estão à espera de familiares que nos antecederam caso aceitem as ordenanças que realizarmos por eles nos templos sagrados. Eles terminaram sua jornada mortal, mas continuam vivos. Tornamo-nos “salvadores no Monte Sião” e ficamos unidos a eles para sempre.

Vocês nasceram numa época em que há templos e tecnologia. Estes são seus dias para voltar o coração para seus antepassados.

Ao buscarem contribuir para esse trabalho sagrado, seu conhecimento e sua fé no Salvador irão aumentar e vocês receberão um testemunho mais seguro de que a vida

continua além do véu. Sei que a vida continua além do véu. Vocês receberão proteção contra as tentações que os cercam e vão se preparar e também preparar o mundo em que vivem para a Segunda Vinda do Salvador.

Sei que a vida continua além do véu. Testifico que Jesus é o Cristo. Ele é nosso Salvador e Redentor. Ele vive. Sua gloriosa Expição permite que essas ordenanças no templo tenham validade eterna. ■

Extraído do discurso “Encontrar Nossos Primos”, proferido no devocional para os jovens Dia de Descobertas da Família na Conferência de História da Família RootsTech 2014, realizada em 8 de fevereiro de 2014. Para mais informações, visite o site LDS.org/go/Andersen215. Para assistir aos discursos de 14 de fevereiro deste ano, acesse lds.org/discoverfamily/por.

NOTAS

1. Ver Dallin H. Oaks, “A Preparação para a Segunda Vinda”, *A Liahona*, maio de 2004, p. 7.
2. Thomas S. Monson, “O Templo Sagrado — Um Farol para o Mundo”, *A Liahona*, maio de 2011, p. 90.
3. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, pp. 498–499.
4. Presidente Thomas S. Monson, “Verdades Constantes numa Época de Mudanças”, *A Liahona*, maio de 2005, p. 19.
5. Thomas S. Monson, “O Templo Sagrado — Um Farol para o Mundo”, p. 90.

CRIAR SUA ÁRVORE GENEALÓGICA

1. Use o FamilySearch.org e outros recursos de informações sobre história da família para encontrar o nome de um ou de vários de seus antepassados. Registre as informações no FamilySearch.org ou no livreto *Minha Família: Histórias Que Nos Unem*.
2. Envie esses nomes pelo FamilySearch.org para fazer as ordenanças no templo. Um consultor de história da família de sua ala ou de seu ramo pode ajudá-lo.
3. Leve esses nomes ao templo ou compartilhe-os com outras pessoas para que elas realizem as ordenanças necessárias. Sempre que possível, frequente o templo em família.
4. Compartilhe seus conhecimentos sobre história da família! Ensine outras pessoas a seguirem esses passos.

ANTES DO Fim de Nossa Jornada



Richard M. Romney

Revistas da Igreja

Não tenho a menor dificuldade para encontrar meu pai, Paul Romney, nas tardes de domingo. Ele está sempre em sua ala em Salt Lake City, arrumando a capela. Ele precisa de pouco mais de uma hora para isso.

Apoiado num andador, percorre a passagem entre os bancos. Em seguida, apoia-se nos bancos ao ir de uma fileira para outra, catando papéis, pondo os hinários no lugar e recolhendo flocos de cereais e migalhas de pão do carpete. É uma tarefa que ele desempenha todos os domingos, com raríssimas exceções, desde que foi ordenado diácono em 1934.

Preparação para a Adoração

“Faço isso para mostrar que amo o Senhor”, explica ele. “Uma capela limpa nos ajuda a adorá-Lo.”

Quando era diácono, Paul Romney aprendeu que seus deveres incluíam cuidar das necessidades materiais da ala. “Percebi que uma maneira de fazer isso era arrumar a capela após as reuniões”, conta ele. “Assim, comecei a fazer isso e desde aquela época não parei mais.” Nunca foi uma designação ou um chamado oficial, embora às vezes ele ajude também aos sábados as pessoas

Paul Romney demonstra seu amor pelo Senhor arrumando a capela.

Para aqueles que suportarem bem as provas, a fé se aprofundará com o passar do tempo.

incumbidas de limpar a capela. Em algumas ocasiões, contou com a ajuda dos filhos. Há vários anos, quando estava no bispado, incentivou os diáconos a auxiliarem.

Mas, na maioria das vezes, ele simplesmente espera o término da última reunião do dia. Então, sem alarde, dá sua pequena contribuição para manter uma casa de ordem. E faz isso fielmente, todos os domingos.

O exemplo de meu pai me mostra que, sejam quais forem as circunstâncias, sempre podemos encontrar uma maneira de servir. É uma lição de reverência e preparação para a adoração. E me ajudou a ver que há muito a se aprender com as pessoas que iniciaram a jornada terrena antes de nós.

Mudança nos Papéis

Aprendi lições semelhantes com vizinhos de minha rua. Larry Morgan, de 97 anos, e a esposa, Elizabeth, de 95, já desempenharam vários papéis em sua vida juntos: marido e mulher, pai e mãe, missionários seniores na Holanda. Quando tinha 72 anos, Larry foi chamado para o cargo de conselheiro no bispado. Naquela

época havia 79 viúvas em nosso bairro e, por decisão do bispo, Larry e Elizabeth visitaram cada uma delas.

Há mais de 40 anos, nos domingos de jejum, os filhos de Larry e Elizabeth e agora os netos e bisnetos se reúnem no início da noite para terminar o jejum. “Queríamos que a família passasse momentos agradáveis juntos, e todos gostamos de comer”, conta ele. “Como tínhamos muito trigo armazenado, moíamos nossa própria farinha e fazíamos waffles. Aí todos comiam até ficarem satisfeitos.” Essa refeição simples em família criou ao longo dos anos uma sensação duradoura de união familiar.


Hoje, os filhos e netos é que cozinham. Elizabeth sofre de demência, mas sabe que a família está perto. A cada pessoa presente, ela repete várias vezes: “Amo você”. Quando a refeição chega ao fim, e todos vão embora, ela gosta de ouvir Larry ler as escrituras e artigos de revistas da Igreja em voz alta

e fica reconfortada só de saber que ele está a seu lado.

Há cerca de dois anos, Larry sofreu uma queda e lesionou a coluna. Por isso não pode mais andar. “Não perco tempo perguntando: ‘Mas por que eu?’” garante ele. “Recebi uma bênção do sacerdócio. Foi-me prometido que eu voltaria a caminhar, mesmo que não fosse nesta vida. Graças à Expiação e à



Larry e Elizabeth Morgan mostram um comprometimento mútuo contínuo.



Ressurreição, sei que isso acontecerá. Aprendi que nosso Pai Celestial está no comando. Quando aceitamos Sua vontade, podemos contar com Seu auxílio.”

Uma Perspectiva Crescente


Meu primeiro contato com Merle Christensen foi num asilo em Brigham City, Utah. Ela era avó de um amigo de nossa família e estava prestes a comemorar 101 anos de idade. Em seu quarto, Merle vivia cercada de livros de recordações e fotografias.

Duas fotos que ela me mostrou foram marcantes.

A primeira, tirada muitos anos antes, era de um grupo de alunos do seminário, que incluía as filhas de Merle. “Elas estão na fileira da frente com o professor delas, Boyd K. Packer”, explica Merle. “Apesar de aparentar muito pouca idade, era um bom professor.” Hoje ele é o Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos.

Quando Merle era nova, foi acometida pela poliomielite. “Não foi nada fácil enfrentar essa situação na adolescência”, recorda ela. “Minha fé precisou crescer para eu continuar lutando. Mas o Senhor me ajudou naquela época e continua me ajudando agora.” As pessoas acometidas de poliomielite na mocidade costumam sofrer muito com a síndrome pós-pólio ao ficarem mais idosas, tendo sintomas como fraqueza muscular e fadiga generalizada. É o caso de Merle.

Quando sente cansaço, ela se lembra de Alma 7:11–12, uma passagem



que ensina que o Salvador “tomará sobre si as (...) enfermidades de seu povo (...) para que saiba, segundo a carne, como socorrer seu povo, de acordo com suas enfermidades”. Em seguida, ela diz: “Confiamos que o Senhor sabe pelo que estamos passando. Devemos viver um dia de cada vez, ir à Igreja e tratar bem os outros. São as pequenas coisas que nos ajudam a seguir adiante”.

A segunda foto que Merle me mostrou está num álbum de recordes. É um retrato com três de suas cinco filhas. Ela só teve meninas,



UM LEGADO DE ESPERANÇA

“Onde quer que estejam na trilha que os levará a herdar a dádiva

da vida eterna, vocês têm a oportunidade de mostrar a muitas pessoas o caminho que conduz a uma felicidade maior. Se decidirem fazer ou guardar um convênio com Deus, estarão decidindo deixar um legado de esperança aos que vierem a seguir seu exemplo.”

Presidente Henry B. Eyring, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, “Um Legado Inestimável de Esperança”, *A Liahona*, maio de 2014, p. 22.

Merle Christensen regozija-se no conhecimento de que poderá rever entes queridos.

e três nasceram em 1936: as primeiras trigêmeas de Brigham City. “Os trigêmeos eram raros naquela época”, conta Merle. A medicina não era tão avançada, e duas das meninas nasceram com problemas cardíacos. Sharon morreu em 1958 e Diane, em 1972. Janice, que não tinha problemas no coração, faleceu de câncer em 1992.

“Amo todas as minhas filhas, meus genros, meus netos e bisnetos”, diz Merle. Mas sente saudade do marido, DeVere, falecido há 26 anos, e das trigêmeas, que fariam 79 anos neste mês de abril.

Mais uma vez, ela lê em Alma: “E tomará sobre si a morte, para soltar as ligaduras da morte que prendem o seu povo” (Alma 7:12).

“Sei que o Salvador venceu a morte”, testifica Merle. “Por causa disso, sei que vou rever meu marido, minhas trigêmeas e toda a minha família.” Essa convicção, garante ela, se fortalece todos os dias.

A irmã Christensen faleceu em setembro de 2014, depois que este artigo foi escrito.

Caminhar Juntos

Alph e Lucette Passeraub, de Lausanne, Suíça, adoram caminhar juntos. Um de seus passeios prediletos é à beira do Lago Genebra, cuja água reflete os Alpes logo acima. Há cerca de dois anos, num desses passeios, o casal Passeraub passou a noite relembrando momentos do passado.

“Ainda na adolescência, eu buscava a verdade”, conta Alph, de



Lucette e Alph Passeraub recordam momentos da vida que passaram juntos na Igreja.

78 anos. “Eu sempre dizia a mim mesmo: Se existir, Deus deve ter um profeta vivo na Terra. Esse pensamento nunca me saía da mente.”

Quando Alph começou a faculdade, um amigo o incentivou a assistir a uma aula gratuita de inglês ministrada por missionários da Igreja. Após uma das aulas, os missionários o convidaram para ir à Igreja.

“Em minha primeira visita, a aula da Escola Dominical era sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo como três seres distintos”, lembra Alph. “O professor salientou que sabemos muito sobre Deus graças aos ensinamentos de um profeta moderno, Joseph Smith, e que havia profetas vivos hoje. Fiquei impressionado. Eles estavam falando o que eu já sentia no coração havia muito tempo.” Ele não demorou a entrar para a Igreja. “E todos os dias desde aquele momento me regozijo por haver profetas na Terra.”

A infância de Lucette, de 80 anos, foi marcada pela Segunda Guerra Mundial. “Precisei começar a trabalhar aos 14 anos e nunca terminei os estudos”, relata. “Mas descobri que a Igreja

me deu oportunidades para continuar aprendendo.” Depois de servir missão de tempo integral, ela começou a namorar Alph. Eles casaram-se no templo, criaram uma família e agora fazem um retrospecto de sua jornada, que inclui os 14 anos que Lucette passou servindo como presidente da Primária da ala, os 32 anos de Alph no sumo conselho da estaca, as idas frequentes ao templo, os momentos com os filhos e netos e a gratidão constante pela verdade que aceitaram quando eram jovens.

“Fomos abençoados com o privilégio de caminhar lado a lado”, alegra-se Lucette. “E a cada passo nossa fé se fortaleceu.”

Aprendo muito com esses amigos mais velhos. Larry e Elizabeth me ensinam a desempenhar diferentes papéis no decorrer da vida com dignidade e com o auxílio do Senhor. Merle mostra que a fé para perseverar até o fim deve estar alicerçada na fé no Salvador hoje. E o casal Passeraub regozija-se no evangelho todos os dias. Todas essas são lições que me fortalecerão antes do fim de minha jornada. ■

DOUTOR OU ÉLDER?

Ao terminar o Ensino Médio, sabia que teria de esperar pelo menos dois anos para poder servir missão. Decidi começar a faculdade, calculando que terminaria o curso de Medicina em cerca de seis anos se me dedicasse ao máximo. A ideia era ir para a missão de tempo integral depois.

Depois de me formar em Medicina aos 24 anos, comecei a residência clínica, o que aumentou minhas oportunidades profissionais. Nessa época, deparei-me com um dilema: Será que devia servir missão ou continuar trabalhando? Meus pais, meu irmão mais velho (que voltara da missão pouco antes), meu bispo e um conselheiro na presidência da missão local me exortaram todos a servir.

Eu acreditava que eles estavam certos, mas era difícil adiar minha promissora carreira médica. Orei e jejei para receber inspiração. Também consultei minha bênção patriarcal, que recomendava que eu servisse missão de tempo integral e em troca prometia bênçãos.

Certo dia, ao tomar o transporte público para voltar para casa depois da residência, encontrei o patriarca da estaca. Descemos no mesmo ponto e, curiosamente, começamos a andar na mesma direção. Ele me reconheceu como membro da Igreja.

Ao caminharmos juntos, perguntou-me quais eram meus planos na vida. Expliquei que era médico e que estava me debatendo com a decisão de dar continuidade a minha carreira ou de servir missão. Ele me

instou com voz firme a servir ao Senhor indo para a missão, acrescentando que assim eu seria abençoado. Para mim, aquelas palavras pareciam vir do Senhor.

Imediatamente me veio à mente esta escritura: “Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça; e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (3 Néfi 13:33).

Eu tinha certeza de que o Senhor me respondera. Sem hesitar mais, decidi adiar minha carreira profissional e servir missão de tempo integral.

Meus colegas médicos acharam que eu ia perder a prática médica ao me ausentar por dois anos. Eles fizeram de tudo para me dissuadir, mas me mantive firme em minha decisão.

Deixei para trás meu título de “Doutor” e servi por dois anos na Missão República Democrática do Congo Kinshasa.

Cinco anos depois, fiz uma lista das cinco maiores bênçãos resultantes de meu serviço. Acima de tudo, conheci minha esposa, um membro fiel da Igreja e minha maior alegria. Temos dois filhos até agora. Nossa família foi selada para a eternidade. No templo, realizamos ordenanças vicárias por nossos antepassados falecidos. Tenho um emprego estável, o que permite a autossuficiência da família. Essas são algumas das bênçãos que recebemos do Senhor.

Sei que o Pai Celestial nunca mente e que cedo ou tarde cumprirá todas as promessas que nos fez se depositarmos nossa confiança Nele e guardarmos Seus mandamentos. ■
Mukandila Danny Kalala, Libéria

Todos me exortaram a servir missão, mas era difícil adiar minha promissora carreira médica.



PASSEI A CONHECER O SALVADOR

Em meu primeiro ano do Ensino Médio, assumi o compromisso de ler o Novo Testamento do início ao fim. Depois das aulas e nos fins de semana, refugiava-me no andar de cima de casa e lia as palavras do Salvador e sobre Sua vida e Seus milagres.

Embora minha jovem mente não compreendesse a linguagem da Bíblia, passei a conhecer Jesus Cristo. Aprendi que Ele é o Filho de Deus e que foi enviado para expiar nossos pecados. Aprendi que Ele andava com as pessoas fracas e comuns, falava com elas e as abençoava — pessoas como eu.

Às vezes, eu ficava confuso ao ler algumas passagens complexas nas epístolas de Paulo e os escritos de João no livro de Apocalipse, mas sempre sentia a veracidade de seus ensinamentos. Descobri que a leitura das escrituras me ajudava a enfrentar dias difíceis na escola e me dava orientação para tomar decisões importantes.

Anos depois, ao preparar-me para a missão, comecei a questionar meus motivos para servir. Sentia que não havia nada de especial em meu testemunho ou em mim. Perguntava-me se estava me preparando para a missão por me sentir obrigado diante de meus pais e líderes, que tinham se empenhado tanto para me ensinar o evangelho. Eu até achava que acabaria prestando um desserviço ao Senhor na missão.

Certo dia, ao ler o Livro de Mórmon, as seguintes palavras de Abinádi tocaram-me o coração:

“Será conduzido, crucificado e morto. (...)”

E assim rompe Deus as ligaduras da morte, havendo conquistado a vitória sobre a morte; (...)

E agora vos pergunto: *Quem declarará sua geração?*” (Mosias 15:7–8, 10; grifo do autor.)

Li aquela linha várias vezes, com a impressão de nunca a ter visto antes. Por ter lido o Novo Testamento, eu tinha conhecimento da vida do Senhor e da geração daqueles que tinham convivido com Ele. Mas quem viveu na geração do Salvador não pode visitar as pessoas de hoje para ensinar sobre Seu amor, Sua Expição e Sua

Ao preparar-me para a missão, comecei a questionar meus motivos para servir.

Igreja. Então como eu poderia justificar o fato de *não* prestar meu testemunho Dele?

O Senhor desejava que eu partilhasse as boas novas do evangelho que eu recebera. Eu sabia que o evangelho era verdadeiro e queria proclamar as verdades que tinha aprendido ao ler as escrituras.

Logo depois dessa experiência saí em missão. Hoje posso atribuir o desejo que tive de servir ao que eu havia aprendido sobre o Salvador como jovem aluno, lendo as escrituras. ■
Brian Knox, Arizona, EUA





Nieves aceitara prontamente o evangelho restaurado, mas, quando a convidamos ao batismo, ficou reticente.

SOU GRATA POR SEUS PÉS

Meus pés não tinham nada de excepcional, então fiquei meio confuso quando Nieves, uma recém-conversa da Bolívia, disse que sentia gratidão por eles.

“Sou muito grata por seus pés”, disse ela nas semanas posteriores a seu batismo.

Nieves aceitara prontamente o evangelho restaurado, mas, quando a convidamos ao batismo, ficou reticente.

Explicou que padecia de um doloroso problema dermatológico. Quando sua pele entrava em contato com água fria, a sensação era a de mil agulhas perfurando-lhe os poros. Esse problema a impedia de realizar até tarefas corriqueiras como lavar verduras ou esfregar roupas manualmente.

Explicamos que era possível aquecer a água da pia batismal e garantimos a Nieves que ela seria batizada em água quente. Seu rosto se iluminou e ela marcou o batismo para o dia de Natal. Meu companheiro e eu

explicamos o problema dermatológico de Nieves ao presidente do ramo, e ele confirmou que a pia seria aquecida a tempo para o batismo à tarde.

Quando chegamos à capela para o batismo, contudo, a pia acabara de ser enchida com água gelada! Em pânico, o presidente do ramo explicou que, devido a um problema de comunicação, a água quente só estaria disponível bem mais tarde.

Meu companheiro e eu sabíamos que Nieves queria ser batizada naquele dia e acreditávamos que o Senhor desejava o mesmo. Encontramos uma sala vazia e oramos para que Ele ajudasse Nieves a ser batizada.

Após a oração, ficamos confiantes e decidimos dar continuidade aos planos. As pessoas que discursaram antes do batismo deram belos ensinamentos, mas de repente fiquei nervoso ao ouvir: “O Élder Nelson agora batizará a irmã Nieves”.

Tentei esconder meu mal-estar ao entrar cautelosamente na água fria.

Nieves segurou minha mão e abaixou o pé em direção à água. Preparei-me para o pior, mas Nieves não gritou nem mesmo se encolheu. Desceu calmamente os degraus e sorriu para mim.

Após a oração batismal, inclinou-se para trás na água fria. Quando a levantei, ela emergiu sorrindo. Fiquei cheio de gratidão. Para mim, o batismo dela era um milagre.

Na última vez que vi Nieves, ela disse algo que esclareceu minha confusão sobre o interesse dela por meus pés. Comentou: “Sou grata por seus pés, que andaram até minha porta e me trouxeram a verdade”.

Penso em Nieves, em sua fé simples e em sua gratidão quando ouço estas palavras de Isaías: “Quão formosos são, sobre os montes, os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, do que anuncia o bem, que faz ouvir a salvação, do que diz a Sião: O teu Deus reina!” (Isaías 52:7; ver também Mosias 12:21.) ■

Nicholas Nelson, Texas, EUA

PEGADAS DE FIDELIDADE

Já fazia algum tempo que eu queria tirar fotos da Praça do Templo, em Salt Lake City — incluindo o espelho d'água, as fontes e as calçadas —, coberta de neve recém-caída e sem pegadas. Para conseguir uma fotografia de neve fresca e sem pegadas, eu sabia que precisaria chegar à Praça do Templo pela manhã bem cedinho após uma nevasca noturna.

Certa noite, depois de ver as previsões de neve para a madrugada, preparei-me. Como os jardineiros da Praça do Templo começam a limpar as calçadas às 5 horas da manhã, programei meu despertador para tocar às 3 horas e deixei meu equipamento pronto.

Depois de percorrer de carro as ruas cobertas de neve, cheguei à Praça do Templo às 4 horas e 15 minutos, enquanto ainda nevava. Fiquei dirigindo em volta da praça à procura de um lugar para estacionar que me permitisse acesso fácil para tirar fotos.

Ao dar a primeira volta pela Praça do Templo, percebi que o caminho para a entrada do Templo de Salt Lake estava coberto de neve fresca — sem nenhuma pegada! Eu sabia que iria tirar minha foto perfeita. Empolgado, dei outra volta no quarteirão para procurar uma vaga.

Ao entrar à direita na Rua North Temple, pensei que ia achar um lugar perto do caminho. Mas demorei a agir e logo fiquei de novo sem vaga para estacionar. E lá estava eu de volta perto do caminho que levava à entrada do templo.

Ao esperar num sinal vermelho, olhei à minha direita a neve fresca e intocada. Quando olhei à esquerda em direção ao Centro de Conferências, vi uma senhora idosa em trajes domingueiros andando rumo ao templo com a cabeça curvada em meio à neve que caía.

“Ah, não”, pensei. “Não vou conseguir tirar minha foto!”

Quando ela atravessou a rua a minha frente, virei-me e olhei na direção do caminho que logo estaria pisado e vi que outra irmã já tinha começado a percorrê-lo e estava quase na entrada do templo. Em seguida, voltei a olhar para a primeira irmã que então estava andando pelo caminho. Com neve nos sapatos e tornozelos e

seguindo os passos da primeira irmã, percorreu o caminho a passos lentos, porém seguros, passou pelos portões e dirigiu-se à entrada do templo.

Ao refletir sobre a cena que eu estava presenciando, olhei para o relógio de meu carro: eram 4 horas e 20 minutos. No aconchego do automóvel e olhando as pegadas na neve recém-caída, fiquei tocado com a fidelidade daquelas duas irmãs que estavam indo cumprir os deveres que lhes tinham sido designados.

Dei outra volta no quarteirão, estacionei, peguei a máquina fotográfica e tirei uma foto das pegadas na neve: uma foto muito mais significativa que a desejada inicialmente. ■
Randolph Shankula, Utah, EUA



Para conseguir uma fotografia de neve recém-caída sem pegadas, eu sabia que precisaria chegar à Praça do Templo pela manhã bem cedinho.

Abençoados pelo Dia do Senhor

Emmaline R. Wilson

A obediência ao mandamento de santificar o Dia do Senhor tornou-se um desafio para Annabelle Hyatt quando ela foi contratada para um estágio numa empresa que gerenciava parques de diversões. Em sua infância e adolescência no Texas, EUA, Annabelle aprendera a adorar ao Senhor, a repousar e a servir ao próximo no Dia do Senhor. Mas, quando se mudou para a Flórida para iniciar o estágio, viu-se obrigada a trabalhar aos domingos.

Ela explica: “No início eu ia trabalhar sem questionar, como todos os outros. Contudo, após algumas semanas, comecei a perceber o quanto estava me sentindo triste durante a semana por não tomar o sacramento nem ouvir as palavras inspiradoras de que precisava mais do que nunca”.

Certo dia ela orou pedindo ajuda

O empenho de santificar o Dia do Senhor é, em última análise, uma questão de obediência, atitude e escolha.

e armou-se de coragem para conversar com seu supervisor sobre o desejo de ir à Igreja e de não trabalhar aos domingos. O supervisor não compreendeu por que isso era tão importante para ela. Mas Annabelle insistiu. A cada vez que via seu gerente ou seu supervisor de escala, mencionava que precisava tirar folga aos domingos e que estava disposta a trabalhar ainda

mais nos outros dias para compensar.

“Por fim, as coisas aconteceram de modo milagroso!” conta ela. “Meus dias de folga tornaram-se sábado e domingo, algo inédito para uma estagiária temporária que mal concluíra o primeiro mês no programa. O privilégio de tirar folga nos fins de semana costumava estar reservado para quem já tinha mais tempo de serviço.”

Ela testifica das bênçãos: “Ao conseguir trazer de volta à minha vida a luz da frequência à Igreja, vi e senti uma enorme diferença. Quando meus colegas perguntavam por que eu achava tão importante ir à Igreja, eu os convidava a me acompanhar. Comecei a levar alguns colegas à Igreja. Não tenho dúvidas de que vale a pena defender a causa do evangelho de Jesus Cristo. A obediência ao mandamento de santificar o Dia do Senhor é imprescindível para termos



o Espírito em nossa vida e nos tornarmos pessoas melhores”.

Annabelle, assim como muitos jovens adultos, foi abençoada ao permanecer comprometida a santificar o Dia do Senhor. Embora às vezes seja difícil resistir à pressão de trabalhar ou de participar de atividades que normalmente apreciamos durante a semana, a santificação do Dia do Senhor é, em última análise, uma questão de obediência, atitude e escolha. Bênçãos grandiosas virão. Estas três jovens adultas prestam testemunho de que o Senhor ajuda Seus filhos a santificar Seu dia.

O Senhor Preparou um Caminho

Quando Katrin Schulze, da Alemanha, foi fazer faculdade longe de sua cidade natal, sua determinação de guardar o Dia do Senhor foi repentinamente posta à prova. “Meus pais tinham ensinado a mim e a meus irmãos a importância de santificarmos o Dia do Senhor”, conta ela. “Para nós, isso significava não trabalhar, não fazer compras nem praticar esportes no domingo. Não me lembro de exceções.

Na faculdade, eu precisava participar de um seminário que sempre

ocupava um fim de semana inteiro: sábado e domingo. Eu tinha um terrível dilema: se não participasse, não poderia me formar. Por outro lado, queria guardar todos os mandamentos do Senhor. Ao estudar a situação, percebi que não era um problema que eu poderia resolver sozinha. Invoquei o Senhor e supliquei-Lhe que me mostrasse como ser obediente e concluir meus estudos. Senti paz dentro de mim depois dessa oração.

À medida que se aproximava a data do seminário, senti nervosismo, mas continuei confiante por saber que Ele prepararia um caminho. Um dia, eu estava olhando o quadro onde eram afixados os horários dos seminários. A maioria acontecia no fim de semana, mas havia uma seção com duração de três dias, sem incluir o domingo. Percebi que o Senhor estava me ajudando a santificar o Dia do Senhor. Aquele seminário nunca havia sido realizado antes nem veio a ser realizado depois em qualquer outro dia que não fosse o domingo, mas, no ano em que eu mais precisei, o Senhor tornou isso possível para mim. Sou grata ao Senhor por ter preparado um meio de ajudar-me a guardar Seus mandamentos.”

Preparação para Adorar ao Senhor no Domingo

Katherine Wilkinson, de Utah, costumava ir dormir tarde nas noites de sábado. Ela contou o seguinte sobre um fim de semana: “Meus amigos e eu tínhamos saído para jantar, visto um filme e ficado conversando até de madrugada. Devo ter ido dormir já depois das 2 horas.

No domingo pela manhã, tateei no escuro para desligar o despertador às 7 horas e 30 minutos, mas, como as reuniões só começavam às 8 horas e 30 minutos, decidi, tonta de sono, reprogramar o despertador para 8 horas. Quando finalmente me levantei, precisei correr para me arrumar a tempo. Depois de tomar um banho de dois minutos e ficar sem desjejum, saí correndo de casa.

As reuniões da Igreja pareciam intermináveis. Eu mal conseguia ficar acordada. Não tirava os olhos do relógio, contando os minutos para poder tirar uma soneca em casa. Foi só na Escola Dominical que comecei a perceber que, na pressa, esquecera tanto as escrituras quanto o manual”.

Katherine acabou por decidir que queria mudar para poder desfrutar o Dia do Senhor e santificá-lo. “Fiquei



RECORDAR A CRISTO NO DIA DO SENHOR

“Domingo é um dia para diminuir o ritmo, fazer uma pausa e lembrar. Vamos às reuniões da Igreja, refletimos sobre nossas bênçãos, nossos pontos fortes e nossas falhas, buscamos o perdão, tomamos o sacramento e ponderamos o sofrimento do Salvador por nós. Procuramos não nos distrair com nada que nos impeça de adorá-Lo. (...) Qualquer atividade da qual participarmos no Dia do Senhor deve ser condizente com o espírito de lembrar-nos de Cristo. Se qualquer coisa

que fizermos a qualquer momento do Dia do Senhor nos afastar da lembrança do Salvador e de nosso dever de ministrar no Dia do Senhor como Ele ministraria, então talvez devamos reconsiderar o que estamos fazendo. (...)

Passa algum tempo hoje elaborando um plano cuidadoso de coisas que fará para realmente tornar o Dia do Senhor um dia sagrado e santo em sua vida. Em seguida, aja de acordo com seu plano.”

Larry M. Gibson, primeiro conselheiro na presidência geral dos Rapazes, “Sempre Me Lembro Dele”, *A Liahona*, janeiro de 2014, p. 56.



pensando em meu Dia do Senhor”, recorda. “Eu me levantara tarde, tinha ido às pressas para a Igreja sem me arrumar direito, tinha feito um esforço enorme para assistir às reuniões (sem ter uma boa atitude) e havia voltado para casa para dormir. E não era a primeira vez que meu domingo transcorria daquela forma. Percebi que estava me privando da plenitude das bênçãos da adoração no Dia do Senhor, sobretudo o sacramento e o que ele tinha a me oferecer.

A obediência ao mandamento de santificar o Dia do Senhor inclui mais do que a presença física nas reuniões da Igreja, significa também estar lá

mental e espiritualmente. Eu queria fazer isso. O Presidente Spencer W. Kimball (1895–1985) ensinou: ‘O Dia do Senhor pede pensamentos e atos construtivos, e quando alguém simplesmente fica ocioso no Dia do Senhor, está quebrando-o. Para guardá-lo, é preciso ajoelhar-se para orar, preparar aulas, estudar o evangelho, meditar, visitar os doentes e angustiados, dormir, fazer leituras salutares e frequentar todas as reuniões previstas para esse dia’ (*O Milagre do Perdão*, 1969, p. 98). Ao começar a mudar e a honrar esse dia sagrado, senti bênçãos maiores em minha vida.” ■

A autora mora em Utah, EUA.

DICAS PARA OBEDECER BEM AO MANDAMENTO DE SANTIFICAR O DIA DO SENHOR

- Vá à Igreja para adorar o Senhor, renove os convênios e fortaleça a si mesmo e ao próximo em sua ala ou seu ramo.
- Faça do estudo das escrituras uma prioridade “[banqueteando-se] com a palavra de Cristo” (2 Néfi 31:20).
- Faça algo relacionado a seu chamado. Mesmo que você seja “apenas” o pianista substituto, pode praticar.
- Ministre às pessoas individualmente por meio do programa de mestres familiares e de professoras visitantes. Caso ainda não lhe tenha sido designado ninguém, escolha em espírito de oração alguém que precise de seu auxílio espiritual e estenda-lhe a mão.
- Reserve tempo para comunicar-se com a família e para realizar atividades salutares com eles.
- Pense no *porquê* do que está fazendo: É algo que ajuda você a servir ao Senhor e a realizar Sua obra? Está unindo sua família ou ala?
- Ore pedindo orientação sobre como honrar o Senhor nesse dia.

Remos Fortes, Testemunhos Fortes na Polinésia Francesa

Mindy Anne Leavitt

Revistas da Igreja

No meio do Oceano Pacífico, há 118 ilhas criadas por vulcões subterrâneos ou recifes de coral. Cobertas de palmeiras, pérolas negras e flores Tiaré (gardênia do Taiti), essas ilhas são o lar de cerca de 275 mil taitianos (como são habitualmente chamados os habitantes da Polinésia Francesa).

Gerry Huuti, um converso de 29 anos, é um deles. Ele adora o esporte nacional, o *va'a*, ou canoagem polinésia, que tem sido uma parte importante de sua vida desde os 16 anos de idade. Cinco anos depois de começar a competir, ele conheceu Laydreane, remadora campeã e membro da Igreja. Graças ao exemplo dela, Gerry foi batizado e serviu missão na Nova Caledônia, ao passo que Laydreane serviu no Taiti. Eles se casaram seis semanas depois do regresso de Gerry.

Agora, vários anos depois e com um filho, Gerry ainda participa de torneios de *va'a*, mas ganha o sustento da família fabricando remos para embarcações de *va'a*. “Meu estabelecimento comercial fica bem do lado de casa”, explica ele. “Saio em busca de

madeira para cortar e colar, para fazer os remos.” Pode até parecer simples, mas cada um desses belos remos de madeira leva cinco dias inteiros para ficar pronto. E com cerca de 20 mil remadores na ilha do Taiti onde mora o casal, há sempre bastante demanda.

Apesar de suas obrigações com chamados na Igreja, Gerry e Laydreane ainda acham tempo para ir ao templo juntos. “A frequência ao templo nos ajuda a ter um relacionamento melhor”, garante Gerry. “Também somos abençoados no lado profissional. Se eu vendesse remos sozinho, já estaria bom, mas, como conto com a ajuda do Senhor, é ainda melhor.” Esse auxílio divino é vital para a família Huuti. Gerry e a esposa também têm um forte testemunho do dízimo. “Nunca nos preocupamos questionando se o Pai Celestial vai nos abençoar”, afirma Gerry. “Se pagarmos o dízimo, sempre vamos acabar com mais do que tínhamos.”

Para a família Huuti, o *va'a* é mais do que um mero esporte. Os princípios de dedicação e comprometimento necessários para ser bons remadores ajudam Gerry e Laydreane

Um jovem casal da Polinésia Francesa acha que seu esporte favorito e o evangelho têm muitos pontos em comum.

a ser mais dedicados ao evangelho. “No *va'a*, o físico conta muito”, explica Gerry, “mas não é o essencial. O mais importante é o lado psicológico — estar determinado a terminar a competição. Quando é preciso remar por quatro horas e meia, o corpo talvez diga que não vamos conseguir, mas a mente garante que sim. No evangelho, a determinação é importantíssima. Às vezes desanimamos, mas a fé pode nos ajudar a ter êxito ao seguirmos o plano de Deus para nossa vida. Sempre podemos aprender algo que se aplique ao evangelho com o *va'a*.” ■



MAIS SOBRE GERRY

Qual é seu prato tradicional taitiano favorito?

Kaku. É preparado com fruta-pão esmagada até formar uma massa e servido com leite de coco e *poisson cru* (peixe cru que é uma especialidade taitiana).

O que vocês fazem para se divertir?

Nossa família gosta de ir ao mar, de juntar folhas e de brincar juntos.

Qual é uma prática cultural única da Polinésia Francesa?

A dança taitiana faz parte da cultura polinésia. O festival anual de dança Heiva existe desde 1881.

A IGREJA NA POLINÉSIA FRANCESA

22.659 santos dos últimos dias

8 estacas

83 alas e ramos

16 centros de história da família

1 missão

1 templo (Papeete)

EM NÚMEROS

100 milhões de dólares americanos em exportação de pérolas negras

A Polinésia Francesa cobre uma área de 3.106.839 km² de oceano, mas apenas 2.485 km² de terra.

A temperatura média anual é 26° C; a temperatura média da água é 27° C

13 letras no alfabeto taitiano

FATOS SOBRE O TAITI

Capital: Papeete, na ilha de Taiti

Idiomas: francês, taitiano

BUSCAR A DEUS TODOS OS DIAS

*Ao prover-nos sustento diário,
um dia de cada vez,
Deus está tentando ensinar-nos fé.*



**Élder D. Todd
Christofferson**

Do Quórum dos
Doze Apóstolos

Na oração do Pai Nosso, está incluído o pedido: “O pão nosso de cada dia nos dá hoje” (Mateus 6:11) ou “Dá-nos cada dia o nosso pão cotidiano” (Lucas 11:3). Creio que todos reconhecemos prontamente que a cada dia temos necessidades para as quais desejamos contar com a ajuda do Pai Celestial. Para alguns, em certos dias, trata-se literalmente do pão, ou seja, do alimento necessário para o sustento naquele dia. Pode também ser a força espiritual e física para lidar com mais um dia de enfermidade crônica ou de uma convalescença dolorosamente lenta. Em outros casos, podem ser necessidades menos tangíveis, como coisas relacionadas às obrigações pessoais ou às atividades cotidianas: dar uma aula ou fazer um exame, por exemplo.

Jesus ensina a nós, Seus discípulos, que devemos buscar em Deus a cada dia o pão — a ajuda e o sustento — de que precisamos naquele dia específico.

O convite do Senhor para buscarmos nosso pão de cada dia das mãos de nosso Pai Celestial deixa transparecer um Deus amoroso, ciente até das pequenas

necessidades diárias de Seus filhos e ansioso para auxiliá-los, um a um. Indica que podemos fazer pedidos com fé àquele Ser “que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto” (Tiago 1:5). Isso é, sem dúvida, tremendamente tranquilizador, mas implica algo bem mais significativo do que um simples auxílio para a sobrevivência diária. Ao buscarmos e recebermos diariamente o pão divino, nossa fé e nossa confiança em Deus e em Seu Divino Filho crescerão.

Nutrimos a Fé Rogando a Deus Diariamente por Nossas Necessidades

Vocês devem lembrar-se do grande êxodo das tribos de Israel do Egito e dos 40 anos passados no deserto antes de entrarem na terra prometida. Aquela imensa multidão de mais de um milhão de pessoas tinha de ser alimentada. Sem dúvida aquele grande número de pessoas reunidas num só lugar não poderia subsistir da caça, e seu estilo de vida seminômade na época não era condizente com a lavoura e a pecuária em qualquer quantidade significativa. Jeová solucionou esse problema provendo

milagrosamente do céu o pão de cada dia: o maná. Por intermédio de Moisés, o Senhor instruiu o povo a coletar diariamente o suficiente para o dia, exceto na véspera do Sábado, quando deveriam coletar o suficiente para dois dias (ver Êxodo 16:19–29).

Provendo o sustento diário, um dia por vez, Jeová estava tentando ensinar fé a uma nação que ao longo de um período de 400 anos perdera grande parte da fé que seus pais tinham. Estava ensinando-os a confiar Nele, a “[buscá-lo] em cada pensamento; [a] não [duvidar], [e] não [temer]” (D&C 6:36). Estava provendo-lhes o suficiente para um dia a cada vez. Exceto no sexto dia, eles não podiam armazenar o maná para usá-lo no dia seguinte. Basicamente, os filhos de Israel tinham de andar com Ele naquele dia e confiar que Ele lhes daria uma quantidade suficiente de alimento para o dia seguinte *no dia seguinte*

e assim por diante. Desse modo, Ele nunca estava muito longe do pensamento e do coração deles.

Confiar no Senhor – As Soluções Podem Demorar

Antes de eu ser chamado autoridade geral, tive problemas financeiros por vários anos. Às vezes, esse problema

Ao buscarmos e recebermos diariamente o pão divino, nossa fé e nossa confiança em Deus e em Seu Divino Filho crescerão.



O convite do Senhor para buscarmos nosso pão de cada dia das mãos de nosso Pai Celestial deixa transparecer um Deus amoroso, ciente até das pequenas necessidades diárias de Seus filhos e ansioso para ajudá-los, um a um.



ameaçava meu bem-estar e o de minha família, e achei que talvez estivéssemos à beira da ruína financeira. Orei para que fôssemos salvos por alguma intervenção milagrosa. Embora eu tivesse orado muitas vezes com grande sinceridade e seriedade, a resposta no final era: “Não”. Por fim, aprendi a orar como o Salvador: “Todavia não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lucas 22:42). Busquei a ajuda do Senhor a cada pequeno passo do caminho até a solução final.

Houve momentos em que esgotei todos os meus recursos, em que não tinha para onde ir nem a quem recorrer no momento. Em mais de uma ocasião, ajoelhei-me diante do Pai Celestial, implorando em meio a lágrimas Seu auxílio. E Ele me ajudou. Às vezes não passava de um sentimento de paz, a certeza de que tudo terminaria bem. Mesmo sem ver como isso aconteceria ou qual seria o caminho, Ele me mostrava, direta ou indiretamente, que abriria um caminho. A situação mudava, uma ideia nova e útil me vinha à mente ou uma renda inesperada ou outro recurso aparecia no momento certo. De alguma forma, havia uma solução.

Embora eu tenha sofrido naquele período, quando me recordo, sinto-me grato por não

ter havido uma solução rápida para meu problema. O fato de eu ter sido obrigado a voltar-me para Deus em busca de ajuda quase diariamente por um extenso período de anos ensinou-me verdadeiramente como orar e obter respostas para as orações e ensinou-me, de uma maneira bem prática, a ter fé em Deus. Conheci meu Salvador e meu Pai Celestial de um modo e num nível que não me teria sido possível de outra forma — ou teria levado bem mais tempo. Aprendi que o pão de cada dia é um bem precioso. Aprendi que o maná de hoje pode ser tão real quanto o maná tangível da história bíblica. Aprendi a confiar no Senhor de todo o coração. Aprendi a andar com Ele dia a dia.

Trabalhar com Problemas Grandes em Porções Pequenas e Diárias

O fato de pedirmos a Deus o nosso pão de cada dia, em vez de nosso pão semanal, mensal ou anual, também é um meio de concentrar-nos nas porções menores e mais administráveis de um problema. Quando lidamos com algo muito grande, talvez tenhamos de trabalhar nele em porções pequenas e diárias. Às vezes, tudo o que podemos fazer é lidar com um dia (ou mesmo só parte de um dia) por vez. Deixem-me dar-lhes um exemplo que não consta das escrituras.

Na década de 1950, minha mãe sobreviveu a uma cirurgia radical de câncer, mas, como se não bastasse, seguiram-se dezenas de sessões de radioterapia em condições médicas que hoje seriam consideradas um tanto primitivas. Ela conta que sua mãe lhe ensinou algo naquela época que a ajudou muito a partir dali: “Eu estava tão fraca e doente que lhe disse um dia: ‘Ah, mãe, não vou suportar mais 16 sessões assim’. Ela perguntou: ‘Consegue aguentar a de hoje?’ ‘Consigno.’ ‘Então, querida, por hoje é o que basta.’ Algo

que me ajudou em muitas ocasiões foi lembrar de viver um dia ou uma coisa por vez”.

Ao orarem por seu pão de cada dia, pensem com cuidado em suas necessidades, tanto no que lhes falta quanto nas coisas contra as quais precisam se proteger. Ao se deitarem, pensem nos sucessos e fracassos do dia e nas coisas que tornarão o dia seguinte um pouco melhor. E agradeçam ao Pai Celestial pelo maná que Ele colocou em seu caminho e que os sustentou durante o dia. Suas reflexões vão aumentar sua fé Nele ao verem que a mão Dele os ajudou a suportar algumas coisas e a mudar outras. Vocês conseguirão regozijar-se em mais um dia, em mais um passo rumo à vida eterna.

Jesus Cristo É o Pão da Vida

Acima de tudo, lembrem-se de que contamos com Aquele que o maná simbolizava, o próprio Pão da Vida, o Redentor.

“E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede. (...)”

Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim tem a vida eterna.

Eu sou o pão da vida” (João 6:35, 47–48).

Presto-lhes meu testemunho da realidade viva do Pão da Vida, Jesus Cristo, e do poder e do alcance infinitos de Sua Expição. Em última análise, é Sua Expição, Sua graça, que é nosso pão de cada dia. Devemos buscá-Lo diariamente e fazer Sua vontade a cada dia a fim de tornarmos um com Ele, como Ele é um com o Pai (ver João 17:20–23). Eu os abençoo para que, ao buscarem seu pão de cada dia junto ao Pai Celestial, Ele o conceda a vocês. ■

Extraído do discurso proferido em 9 de janeiro de 2011, em um sermão do Sistema Educacional da Igreja.





Élder
Jorge F. Zeballos
Dos Setenta

FORTALECER-SE com Bons Amigos

Nasci e fui criado numa cidadezinha do Chile. Quando eu tinha 12 anos de idade, vi os missionários pela primeira vez e fiquei curioso. Tempos depois, um colega da escola me contou que ele e sua família tinham se filiado à Igreja. Ele me convidou e, durante vários meses, assisti às reuniões de domingo e às atividades de terça-feira.

Nosso ramo era novo e, como eu o frequentava praticamente desde o início, todos achavam que eu fosse membro. Depois de seis meses, contei aos missionários que não era, pois tinha a impressão de que só se interessavam por famílias.

Os missionários tentaram envolver minha família, mas meus pais e irmãos não se interessaram. Convidaram-me para o batismo, mas, como eu tinha 12 anos, precisava da permissão dos pais. Achei que meu pai fosse me mandar esperar até os 18 anos, mas ele disse: “Vejo meu filho levantar-se todos os domingos cedinho enquanto os irmãos continuam dormindo, vestir suas melhores roupas e ir à capela. Se meu filho for responsável com sua decisão, tem minha permissão”. Eu mal podia acreditar. Naquele momento me senti no paraíso. Assim, fui batizado no dia seguinte.

É claro que recebi bênçãos espirituais por ser membro da Igreja. E também ganhei amigos maravilhosos. Na

Os amigos que vocês escolherem podem exercer um enorme impacto em sua vida, como ocorreu na minha.



época de meu batismo, vários rapazes de minha idade começaram a frequentar a Igreja e formamos um grupo muito unido. Participávamos juntos de todas as reuniões e atividades.

Quando eu tinha 17 anos, fui fazer faculdade em outra cidade. Três de meus amigos decidiram estudar na mesma cidade, e morávamos juntos. Foi uma grande bênção, pois nos apoiávamos e protegíamos mutuamente. Incentivávamos uns aos outros a ir à Igreja. Nós quatro também fazíamos a noite familiar e às vezes convidávamos outros colegas membros da Igreja. Durante todos aqueles anos da universidade, fortalecemos uns aos outros.

Quarenta e cinco anos depois, aqueles rapazes ainda são meus melhores amigos. Embora moremos em lugares diferentes do mundo, estamos sempre em contato. Todos os seis servimos missão.

É por isso que incentivo vocês a terem bons amigos na Igreja na juventude. Confiem neles e ajudem-nos. Um bom amigo sempre estará disposto a ajudá-los, merecerá sua confiança e nunca fará nada para prejudicá-los. Não estou dizendo que seus amigos precisam ser perfeitos, mas devem respeitar seus padrões e valores. Uma boa

amizade nem sempre significa diversão em conjunto. Inclui interessar-se sinceramente pelo bem-estar dos amigos e ter a coragem suficiente para avisá-los de que estão fazendo algo que não é certo.

Admiro vocês, jovens da Igreja. Os tempos mudaram muito desde minha juventude. Este período na Terra é fantástico, mas ao mesmo tempo perigoso. Para sobreviverem, precisam “continuamente [agarrar-se] à barra de ferro” (1 Néfi 8:30) e seguir os conselhos e as recomendações de seus pais e líderes da Igreja. Se desenvolverem boas amizades, conseguirão fazer isso mais facilmente.

Alguns de vocês talvez se sintam sós por serem os únicos membros da Igreja de sua escola ou classe. Vocês não estão sozinhos. Nosso Senhor Jesus Cristo e nosso Pai Celestial consideram cada um de vocês um tesouro e estão dispostos a ajudá-los ao longo da vida. Seus verdadeiros amigos os apoiarão em seu empenho em aproximarem-se Deles.

As escrituras ensinam que “a mesma sociabilidade que existe entre nós, aqui, existirá entre nós lá [na eternidade], só que será acompanhada de glória eterna” (D&C 130:2). Consigo apenas imaginar como será quando nos encontrarmos no mundo vindouro, cobertos de glória, em total felicidade com nossos amigos e familiares. Será um momento maravilhoso e que durará para sempre. ■





Quando BONS AMIGOS *Fraquejam*

“**E**u tinha muita amizade com ela, e sempre tínhamos os mesmos padrões. Mas foi então que...”

Já ouviu isso antes? Todos nós já passamos por isso ou presenciamos essa situação de perto: um bom amigo começa a fazer coisas erradas e incita outras pessoas a seguirem o mesmo caminho. Algumas das perguntas mais difíceis que podemos fazer são “Será que devo conversar com meu amigo sobre esse comportamento” e “Devo parar de andar com meu amigo se essa conduta continuar?”

Não há uma resposta única para todas as situações, portanto será preciso ter fé e coragem para seguir os conselhos de *Para o Vigor da Juventude*: “Ao procurar fazer amizade com os outros, não rebaixe seus padrões. Se seus amigos instigarem você a fazer coisas erradas, seja um(a) daqueles(las) que defendem o certo, mesmo que tenha de ficar só. Talvez tenha que procurar outros amigos que apoiem você no cumprimento dos mandamentos. Busque a orientação do Espírito Santo ao fazer essas escolhas” (2011, p. 16).

Aqui estão exemplos de como alguns jovens lidaram com os amigos que começaram a incitá-los a seguir um caminho errado.



Se um amigo que antes tinha padrões elevados estiver cada vez mais distante do evangelho, o que você deve fazer?

Afastar-se

“Eu tinha uma amiga que começou a me induzir a ignorar meus padrões e, durante algum tempo, acabei dando-lhe ouvidos. Por fim, decidi que bastava e que não iria deixá-la me influenciar mais. Orei pedindo força e orientação e, por estar vivendo como eu sabia ser certo, recebi a orientação que buscava. Por fim, parei de buscar a companhia dela e, nos meses seguintes, meu testemunho cresceu muito. Nossas amizades *decididamente* fazem a diferença em nossa capacidade de viver da maneira ensinada pelo evangelho.”

Margaret Denise K., 17 anos, Utah, EUA

Manter a Esperança

“No início do Ensino Médio, conheci outro membro da Igreja que era muito forte espiritualmente. Ele era portador do Sacerdócio Aarônico e parecia um bom exemplo de alguém que vivia o evangelho. Tornamo-nos bons amigos e conversávamos muito sobre a Igreja. Com o passar do tempo, sua autoestima e sua capacidade de manter os padrões começaram a diminuir. Embora ainda mantivéssemos uma certa amizade, ele andava com pessoas que não eram boa influência. Eu o ouvia usar muitos palavrões, contar piadas imorais e dizer outras coisas impróprias. Vários de seus amigos eram ateus e se referiam ao

‘mormonismo’ com palavras chulas.

Tempos depois, ele ficou viciado em chá preto e, aos 13 anos, arrumou uma namorada.

Eu não sabia o que fazer. Tentei várias vezes, como bom amigo e com todo o tato, falar de minha preocupação, mas ele não quis me ouvir. Ainda assim não desisti. Mantive meus padrões e tentei ser um exemplo para ele. Eu não queria parar de ser amigo dele, mas, com a piora da situação, parecia não haver outra saída. Por fim, ajoelhei-me várias vezes para orar pela segurança dele.

Foi então que o pai dele conseguiu um emprego em outro Estado. Essa mudança iminente fez os olhos de



A INFLUÊNCIA DOS AMIGOS

“Os amigos ajudam a determinar seu futuro. Vocês tendem a parecer-se com eles e a encontrar-se onde eles escolhem ir. Lembrem-se de que o caminho que seguirmos nesta vida levará ao caminho que trilharemos na vindoura. (...)”

Os amigos que vocês escolhem os ajudam a progredir ou tolhem seu sucesso.”

Presidente Thomas S. Monson, “Em Perigo”, *A Liahona*, julho de 1998, p. 52.

meu amigo se abrirem para tudo o que ele fizera. De repente, ele entendeu tudo o que eu tentara lhe dizer durante três anos. Nas semanas seguintes, fez de tudo para corrigir seus erros passados. Quando falei com ele, agradeceu-me por sempre ter sido um exemplo e não desistir dele. Sentiu mais felicidade do que sentia havia anos e verdadeiramente compreendeu o que significava ser um santo dos últimos dias.

A meu ver, quando um amigo fraqueja, o melhor é avisá-lo das consequências de seus atos. Mas, se ele não quiser ouvir, como aconteceu com meu amigo, não desista. É bem provável que seja justamente então que ele mais precise de um amigo de verdade. Mantenha seus padrões, mesmo que ele o tente a ignorá-los. Ore por ele. Sei que você pode se fortalecer por meio disso e que não estará sozinho

em seus esforços. É fácil sentir-se fraco e deslocado quando defendemos o bem. Mas, por meio dos fracos, o Senhor fará uma obra grandiosa.”

Collin Z., 16 anos, Wyoming, EUA

Mais uma vez, não há uma resposta única para a pergunta: “Devo parar de andar com meu amigo?” Mas uma coisa é certa: sempre ore para contar com a orientação do Senhor e esteja disposto a ouvi-la. Sua atitude básica deve ser a de importar-se. Importe-se com seu bem-estar espiritual e com o de seu amigo. Importe-se com seu exemplo e com a influência de seu amigo. Importe-se com a influência de seu amigo sobre você. E se você tiver fé no amor e cuidado do Pai Celestial, receberá as respostas que tanto busca. ■



NOSSO ESPAÇO

PARTILHAR A VISTA E O LIVRO DE MÓRMON

Quando eu servia como missionário numa cidadezinha do País de Gales, meu companheiro e eu estávamos batendo portas numa rua que levava a uma das muitas colinas que lá havia. Era um dia quente

de verão. Ao chegarmos ao alto do morro, a vista era linda, por isso meu companheiro e eu decidimos fazer uma curta pausa para apreciar a paisagem e repor as energias.

Ao tirar uma laranja da mochila, vi uma senhora chinesa subindo a ladeira. Não sei por que, mas acenei para ela. Ela também acenou com um sorriso e veio sentar-se perto de nós. Começamos a conversar e ela explicou que subira a colina para desfrutar a vista, pois assim se lembrava de Deus e do amor que Ele tinha por ela. Também nos contou que estivera prestes a voltar para a China quando surgiu uma oportunidade de trabalho no País de Gales. Ela o aceitou, convencida de que Deus

lhe concedera aquele emprego por um motivo que ela ainda desconhecia.

Pouco tempo depois de nosso primeiro contato, começamos a ensiná-la na casa de um recém-converso e juntos vivenciamos muitos momentos espirituais. Lembro-me de um deles com um carinho especial. Demos a ela um Livro de Mórmon em chinês com nosso testemunho na primeira página. O Espírito estava tão forte que ela começou a chorar.

Pouco tempo depois fui transferido. Infelizmente não pude voltar àquela área para o batismo dela, mas sempre ficarei fortalecido ao pensar naquele nosso primeiro encontro no alto de um monte.

Jurek Bäder, Alemanha



FAMÍLIAS ETERNAS

“**A**s famílias poderão ser eternas no plano do Senhor” (“As Famílias Poderão Ser Eternas”, *Hinos*, nº 191). Adoro esse hino da Primária, que ensina que as famílias podem ser seladas para a eternidade. Eu orava para que isso fosse verdade para minha família, sobretudo após o falecimento de meu pai.

Recentemente o Senhor atendeu a minhas preces. Minha mãe, meus dois irmãos e eu tivemos a oportunidade de ir ao Templo de Manila Filipinas para sermos selados uns aos outros e a meu pai. Foi nossa primeira vez juntos no templo, e ainda me lembro da felicidade que vi nos olhos de minha mãe e de meus irmãos. Lá reinava uma felicidade enorme.

Sei que o templo é a casa do Senhor e que as pessoas que lá estão têm a devida autoridade para realizar ordenanças sagradas. Sou muito grato a essas ordenanças, pois por meio delas poderei estar de novo com meu pai. Desde nossa ida ao templo, tentamos ser uma família mais forte e fazer tudo a nosso alcance para guardar nossos convênios a fim de podermos estar juntos para sempre.

Crisanto Coloma, Filipinas





O Que Sabemos sobre a VIDA PRÉ-MORTAL

As verdades básicas sobre a vida antes de irmos à Terra nos abençoam com lições maravilhosas.

Norman W. Gardner
Seminários e Institutos

Um rapaz que decidira casar-se em vez de servir missão foi persuadido a receber antes a sua bênção patriarcal. “Durante a bênção ele teve um vislumbre de quem ele era no mundo pré-mortal. Viu como tinha sido valente e influente ao persuadir outros a seguir Cristo. Sabendo quem ele realmente era, como poderia deixar de servir missão?”¹ Trata-se de apenas um exemplo de como o conhecimento da vida pré-mortal pode fazer a diferença para nós.

É fácil responder à pergunta: “Quantos anos você tem?” Os aniversários medem a idade de nosso corpo físico. Mas, na verdade, temos bem mais idade do que isso. Cada um de nós “é um filho (ou filha) gerado em espírito por pais celestiais que o amam” com “natureza e destino divinos”.² Antes de nosso corpo espiritual ser criado, cada um de nós existia como “inteligência”, que “não teve princípio, tampouco terá fim”.³

Saber que somos seres eternos com pais celestes muda nossa vida, ajudando-nos a ver a nós mesmos e nossa vida com uma perspectiva verdadeiramente eterna.

Em nossa vida pré-mortal, fomos ensinadas lições que nos prepararam para ajudar o Pai Celestial a levar a efeito a salvação de Seus filhos (ver D&C 138:56). Também tivemos o arbítrio para segui-Lo e obedecer a Ele. Alguns filhos do Pai se distinguiram por meio de “sua grande fé e suas boas obras” e foram preordenados, ou receberam designações, para servir em missões específicas na Terra (Alma 13:3). O maior dos que seguiram o Pai Celestial naquela época foi o Seu filho espiritual primogênito, Jesus Cristo — ou Jeová, como era conhecido lá.

O Profeta Joseph Smith explicou que, durante nosso estado pré-mortal, estávamos todos presentes quando

Deus, o Pai, explicou Seu plano para a salvação de Seus filhos. Aprendemos que seria necessário um Salvador para vencer os problemas causados pelas condições da vida mortal.⁴

Nosso Pai Celestial perguntou: “Quem enviarei [para ser o Salvador]?” Jesus Cristo respondeu: “Eis-me aqui, envia-me” (Abraão 3:27). Ele foi o “Filho Amado e (...) Escolhido do Pai desde o princípio” (Moisés 4:2) e sempre foi destinado a cumprir esse papel. No entanto, Lúcifer interveio, ofereceu-se e fez uma proposta que teria destruído o arbítrio do homem e exaltado Lúcifer acima do trono de Deus (ver Moisés 4:1–4). Nosso Pai Celestial respondeu: “Enviarei o primeiro” (Abraão 3:27). Lúcifer rebelou-se e ficou conhecido como Satanás.

A divisão entre os espíritos provocou uma guerra no céu. A terça parte dos filhos de Deus desviou-se Dele e seguiu Satanás (ver D&C 29:36–37).

A esses espíritos rebeldes foi negada a possibilidade de ter um corpo físico e eles foram lançados na Terra, onde continuam a combater os santos de Deus (ver D&C 76:25–29). O restante dos filhos de Deus bradou de alegria porque poderia vir à Terra e porque Jesus Cristo foi escolhido para vencer o pecado e a morte (ver Jó 38:7).

Na vida pré-mortal, obtivemos conhecimento do evangelho, um testemunho e fé no Salvador e em Sua Expição. Essas coisas tornaram-se uma proteção importante e uma força na guerra no céu. Os seguidores de Deus venceram Satanás e seus anjos “pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho” (Apocalipse 12:11). Quando aprendemos o evangelho e adquirimos um testemunho aqui na Terra, estamos essencialmente reaquecendo o que outrora já sabíamos e sentíamos em nossa vida pré-mortal.

O conhecimento de que todos na Terra optaram por seguir o Salvador na vida pré-mortal muda nossa vida ajudando-nos quando fazemos a obra missionária. Como disse o Élder Richard G. Scott, do Quórum dos Doze Apóstolos: “Todo filho de Deus na mortalidade escolheu o plano do Salvador.

Confie que, se lhes for dada a oportunidade, eles farão o mesmo novamente.”⁵

Assim como não conseguimos nos lembrar dos primeiros anos da vida mortal, nossa lembrança da vida pré-mortal foi apagada. Isso foi necessário para nos ajudar a aprender a andar pela fé e nos preparar para tornar-nos

semelhantes a Ele. Mas podemos ter a certeza de que conhecíamos e amávamos nosso Pai Celestial. O Presidente Ezra Taft Benson (1899–1994) prometeu que “nada vai nos surpreender mais, quando passarmos para o outro lado do véu, do que nos dar conta do quanto já conhecemos nosso Pai e ver como Seu rosto nos é familiar”.⁶

O fato de saber que o Pai Celestial nos conhecia e nos amava muda nossa vida tornando nossas orações mais pessoais e íntimas.

O Presidente Boyd K. Packer, Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou: “Não há como compreender a vida sem o conhecimento da doutrina da vida pré-mortal. (...) Quando entendemos a doutrina da vida pré-mortal, então as coisas se encaixam e fazem sentido”.⁷

De que maneira seu conhecimento da vida pré-mortal já o abençoou? ■

NOTAS

1. Randall L. Ridd, “A Geração das Escolhas”, *A Liahona*, maio de 2014, p. 56.
2. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, novembro de 2010, última contracapa.
3. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, p. 219; ver também Doutrina e Convênios 93:29.
4. Ver *Ensinamentos: Joseph Smith*, p. 218.
5. Richard G. Scott, “Eu Vos Dei o Exemplo”, *A Liahona*, maio de 2014, p. 32.
6. Ezra Taft Benson, “Jesus Cristo — Dádivas e Expectativas”, *A Liahona*, dezembro de 1987, p. 3.
7. Boyd K. Packer, “O Mistério da Vida”, *A Liahona*, janeiro de 1984, p. 26.

NOSSA VIDA ETERNA

Aqui estão algumas escrituras relacionadas a diferentes aspectos da existência pré-mortal:

Filhos Espirituais

Romanos 8:16-17

Doutrina e Convênios 93:23, 29, 33-34.

Abraão 3:22-23

Preordenação

Jeremias 1:5

Alma 13:3

Doutrina e Convênios 138:55-56

Jesus Cristo – Primogênito

João 1:1-2; 8:56-58; 17:5

I Pedro 1:19-20

Doutrina e Convênios 93:7, 21

Conselho no Céu

Doutrina e Convênios 121:32

Moisés 4:1-4

Abraão 3:24-28

Guerra no Céu

Apocalipse 12:4, 7-11

Doutrina e Convênios 29:36-37

Doutrina e Convênios 76:25-29

“Recentemente perdi um amigo querido. Como posso superar a dor?”

Amorte de um amigo é uma das provações mais difíceis que se pode enfrentar. É normal sentir profunda tristeza depois de uma perda assim. Você sente pesar porque gostava de seu amigo. “Juntos vivereis em amor, de modo que chorareis a perda dos que morrerem” (D&C 42:45).

Alguns dos sentimentos difíceis que podem surgir durante a fase de luto incluem a tristeza, a raiva, o cansaço, a perda de interesse por atividades e a sensação de estar sobrecarregado. Mas, ao mesmo tempo, as pessoas em luto costumam sentir paz ao buscarem ao Senhor e aproximarem-se Dele e recebem Sua promessa: “Bem-aventurados são todos os que choram, porque eles serão consolados” (3 Néfi 12:4). A tristeza causa dor, mas também cura.

Ao tentar vencer os sentimentos negativos, tente concentrar-se no que for positivo. Entesoure as boas lembranças que tiver de seu amigo. Ore para sentir a paz e o consolo do Salvador. Encontre esperança no amor, na bondade e no plano de salvação do Pai Celestial.

O fato de sentir tristeza não significa falta de fé. O Presidente Thomas S. Monson falou numa conferência geral sobre a perda da esposa: “Dizer que sinto saudades dela é muito pouco para transmitir a profundidade de meus sentimentos”. Em seguida, falou de provações e concluiu: “Sabemos que há ocasiões em que sentiremos uma tristeza devastadora, em que sofreremos e nas quais poderemos ser testados até o nosso limite. Contudo, essas dificuldades permitem que mudemos e nos tornemos melhores, que reconstruamos nossa vida da maneira que o Pai Celestial nos ensina e que nos tornemos diferentes do que somos: melhores” (“Não Te Deixarei Nem Te Desampararei”, *A Liahona*, novembro de 2013, p. 85).

De que maneira a morte de seu amigo o inspira a ser melhor?



Aliar a Tristeza à Fé

Sentir tristeza não é algo ruim. (Mas pode tornar-se ruim se você ficar constantemente deprimido.) Aliar a

tristeza à fé é a melhor maneira de ajustar-se à dificuldade de perder alguém querido. Pense em seu amigo agora, no mundo espiritual, e no que ele pode estar fazendo. Ele (ou ela) ama você e deseja sua felicidade. Se você aprender sobre o mundo espiritual, poderá aumentar sua compreensão do plano de salvação e alcançar paz, esperança e fé. Não se esqueça de orar pedindo ajuda ao Pai Celestial. O Pai Celestial e Seu Filho, Jesus Cristo, sabem exatamente como você se sente e Eles o ajudarão caso você peça com sinceridade.

Mary G., 14 anos, Virgínia, EUA



Deus Ama Seu Amigo

Embora seja difícil lidar com a tristeza pela perda de alguém, o plano de salvação do Pai Celestial pode

consolá-lo por meio do Espírito Santo para que um dia você possa reencontrar-se com seu amigo. E lembre-se de que a vida aqui na Terra é apenas um breve momento para sermos tentados e provados. Nosso Pai Celestial está preparando um lugar para seu amigo. Deus ama Seus filhos.

Marvin S., 16 anos, Metro Manila, Filipinas

Fique Feliz por Seu Amigo

Quando perco pessoas que amo, tento lembrar que o Pai Celestial tem um plano para elas e que posso voltar a vê-las. Podemos ficar felizes por elas por não terem mais que sofrer as aflições desta vida mortal. Sentimos tristeza por elas não estarem mais presentes fisicamente, mas podemos ansiar por estar com elas de novo.

Ariadna T., 19 anos, Cidade do México, México



Buscar Ajuda nas Escrituras

Uma boa amiga minha morreu recentemente num trágico acidente de carro. Achei consolo ao chegar-me a Cristo. Tive que adquirir um testemunho do amor de Cristo por todos nós, entender quem somos como filhos de Deus e, ainda mais importante, compreender o plano e a vontade de Deus para Seus filhos. Ao buscá-Lo por meio das escrituras, das reuniões e dos materiais da Igreja, consegui adquirir esse testemunho e sentir paz e consolo. Algo particularmente útil foi uma lição dos jovens intitulada “Como posso ser consolada quando alguém com quem me importo morrer?” Todas as escrituras, artigos e vídeos citados nessa lição são maravilhosos e mudaram minha vida.

Madilin N., 18 anos, Iowa, EUA

SOBRE O SUICÍDIO

O Élder M. Russell Ballard, do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou:

“O ato de tirar a própria vida é verdadeiramente uma tragédia, pois esse ato, apesar de único, deixa muitas vítimas: primeiro a pessoa que morre, depois dezenas de outras – familiares e amigos – que ficam para trás, algumas das quais sentirão dor e perplexidade por anos a fio. (...)

É claro que não estamos a par de todas as circunstâncias em cada suicídio. Somente o Senhor conhece todos os detalhes e é Ele quem julgará nossas ações aqui na Terra.

Quando nos julgar, sinto que levará tudo em consideração: nossa composição genética e química, nosso estado mental, nossa capacidade intelectual, os ensinamentos que recebemos, as tradições de nossos pais, nossa saúde e assim por diante. (...)

O suicídio é um pecado – e dos gravíssimos –, mas o Senhor não julgará a pessoa que cometer esse pecado estritamente pelo ato em si. O Senhor levará em conta as circunstâncias da pessoa e até que ponto ela era responsável por seus atos no momento”.

Extraído de “Suicídio: Algumas Coisas Que Sabemos, e Outras Que Não Sabemos”, *A Liahona*, março de 1988, p. 16.



A MORTE FAZ PARTE DO PLANO DE DEUS

“Tem sido difícil para mim continuar vivendo na Terra e ver esses jovens com os quais contávamos para receber apoio e consolo serem extraídos do meio de nós na flor da juventude. Sim, tem sido difícil nos conformar com essas coisas. Às vezes achei que teria ficado mais conformado se eu próprio tivesse sido chamado, caso essa fosse a vontade de Deus; mais sei que devemos nos aquietar, saber que isso veio de Deus e nos conformar com Sua vontade; tudo está bem.”

O Profeta Joseph Smith, *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith, 2007*, p. 187.

PRÓXIMA PERGUNTA

“Alguns de meus amigos acham que ir à igreja é perda de tempo. Como posso ajudá-los a ver que pode ser uma grande bênção?”

Envie sua resposta e, se desejar, uma fotografia de alta resolução, até 15 de março de 2015 em liahona.LDS.org, por e-mail para liahona@LDSchurch.org ou pelo correio (ver o endereço na página 3).

As seguintes informações e permissão precisam constar de seu e-mail ou de sua carta: (1) nome completo, (2) data de nascimento, (3) ala ou ramo, (4) estaca ou distrito, (5) sua permissão por escrito e, se for menor de 18 anos, a permissão por escrito (aceita-se por e-mail) de um dos pais ou do responsável, para publicar sua resposta e fotografia.

SENTIMOS SAUDADE DE SOFÍA

*No escuro e sentindo dor,
orei pelo bem-estar de
minha irmã.*



Fernando Peralta

Em 2012 eu terminara o seminário e o Ensino Médio, e um mundo inteiramente novo estava descortinando-se em minha vida. O início do ano tinha sido ótimo, principalmente o acampamento multiestacas de jovens. Sentia-me abençoado e protegido pelo Pai Celestial.

Anos antes, eu decidira que ia servir missão de tempo integral, então em 2012 planejei dedicar-me para economizar todo o dinheiro possível. Graças a minha irmã mais velha, Sofia, consegui achar rapidamente um emprego na empresa onde ela trabalhava. Em 22 de fevereiro, Sofia e eu pegamos o trem para ir trabalhar. O dia estava lindo, mas ao chegarmos ao destino ouvi um forte ruído e em seguida tudo ficou escuro.

Quando acordei, estava atônito e com dor. Será que minha jornada na Terra estava chegando ao fim? Eu queria muito viver mais para passar por certas experiências, como ir para a missão e constituir família. Então orei, pedindo ao Pai Celestial que me desse a oportunidade de viver e servir missão.

Preso nas ferragens do trem acidentado, procurei minha irmã a minha volta,

mas não a vi. Por fim, ouvi os bombeiros pedindo calma a todos e senti esperança no coração. Orei pelo bem-estar de minha irmã, pois não sabia onde estava. Ao orar, senti grande paz. Tive de lutar para suportar as dores, mas o Pai Celestial me concedeu as forças necessárias.

Uma hora depois fui resgatado. Senti a presença do Senhor durante aquele período. Ao ser hospitalizado para submeter-me a uma operação na perna, não conseguia parar de pensar em minha irmã e de querer saber onde estava. Mas, sempre que ela me vinha à mente, sentia paz.

No dia seguinte, meus pais me informaram que Sofia não sobrevivera ao acidente. Essa notícia causou a maior dor que eu jamais sentira. Mas, ao mesmo tempo, senti consolo e gratidão pelos convênios sagrados feitos por meus pais no templo por ocasião do selamento eterno de nossa família.

Quando voltei do hospital para casa, o Senhor abençoou minha família por meio de nossos amigos e parentes, que foram nossos anjos, dando-nos consolo. Sempre seremos gratos por isso. Graças ao poder do sacerdócio, reaprendi a andar muito mais rápido que o esperado. Consegui

caminhar normalmente após apenas alguns meses.

O evangelho é lindo seja qual for o ângulo pelo qual o olhemos. Sou muito grato pelo templo e pelas ordenanças lá realizadas. Sei que o Senhor tem algo sagrado preparado para minha irmã. A vida sem ela não é nada fácil e nunca será, mas a segurança e a paz que sentimos é mais forte que a dor provocada por sua ausência. Sentimos saudade de Sofia de todo o coração e nos lembramos dela todos os dias. O Élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, afirmou que o céu sem a família simplesmente não seria o céu (ver *Entre o Céu e a Terra*, DVD, 2005) e presto testemunho de que é verdade.

Deus nos ama e nunca nos deixa sós. Em Isaías 54:10 lemos: “Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão abalados; porém a minha benignidade não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não mudará, diz o Senhor que se compadece de ti”. ■

O autor mora em Buenos Aires, Argentina.

Para mandar comentários sobre a revista A Liahona, mande e-mail para lahona@LDSchurch.org.

“NÃO CEDAM À MENTIRA DE SATANÁS DE QUE VOCÊS NÃO TÊM TEMPO DE ESTUDAR AS ESCRITURAS.

Decidam reservar um tempo para estudá-las. É mais importante banquetear-se com a palavra de Deus a cada dia do que dormir, ir para a escola, trabalhar, assistir a programas de televisão, jogar videogames ou usar a mídia social. Talvez vocês tenham que reorganizar suas prioridades para reservar tempo para o estudo da palavra de Deus. Se tiverem que fazê-lo, façam-no!”

Élder Richard G. Scott
Do Quórum dos Doze Apóstolos
“Fazer do Exercício da Fé Sua Prioridade”,
A Liahona, novembro de 2014, p. 92.

TESTEMUNHA ESPECIAL



Élder Richard G. Scott

Do Quórum dos Doze
Apóstolos

Cartas da Vovó Whittle

Quando o Élder Richard G. Scott era jovem, seu pai não era membro da Igreja. Sua mãe era, mas não ia muito às reuniões. Ao fazer 8 anos de idade, Richard não foi batizado. Pouco depois sua avó Whittle foi visitá-los.

A avó Whittle era um ótimo exemplo. Ajudou Richard e seus irmãos a aprenderem a importância do batismo e da frequência à igreja. Em pouco tempo, Richard e seu irmão mais velho foram batizados.

Sempre que Richard tinha de

discursar na igreja, telefonava para a avó Whittle para ouvir suas ideias. Em breve ele recebia uma carta pelo correio com um discurso que a avó escrevera para ele. À medida que ele foi ficando mais velho, ela passou a enviar apenas um esboço com ideias para ajudá-lo a escrever seu próprio

discurso. Richard sempre soube que a avó Whittle o amava e amava o evangelho.

Na faculdade Richard conheceu outro grande exemplo. O nome dela era Jeanene. Certa noite ela disse a ele: “Quando me casar, será no templo com um ex-missionário”. Richard decidiu orar sobre o serviço missionário. Pouco tempo depois, tanto ele quanto Jeanene foram para o campo missionário. Depois de voltarem para casa, Richard e Jeanene casaram-se no Templo de Manti Utah. ■





Bispo Gary E. Stevenson

Bispado Presidente

É Sua Vez



Olimpíadas. Em 2006, quebrou a perna e não pôde participar dos jogos. Em 2010, perdeu uma medalha por um décimo de segundo. Mas não desistiu. Treinou por horas, dias, semanas e meses. Nas Olimpíadas de 2014, suas provas foram impecáveis! Ela ganhou a medalha de prata!

Continuar Tentando

Christopher Fogt integrava a equipe que ganhou a medalha de bronze na prova de bobsled de quatro pessoas. Ele poderia ter desistido após um grave acidente nas Olimpíadas de 2010. Mas, assim como Noelle, perseverou. E também conquistou uma medalha!

Ajudar os Outros

Torah Bright, membro da Igreja e praticante de snowboard, surpreendeu o mundo quando percebeu que uma competidora americana, Kelly Clark, estava tensa após uma primeira prova ruim. Em vez de focar-se em seu próprio desempenho, Torah ficou abraçada a Kelly até a acalmar. Por causa desse ato simples de bondade de Torah, ambas tiveram a chance de subir ao pódio das campeãs. Torah

No ano passado, o mundo inteiro acompanhou as Olimpíadas de Inverno de 2014 em Sochi, Rússia, que reuniu atletas de 89 países. Dez desses esportistas eram membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Três deles até ganharam medalhas!

Empenhar-se ao Máximo

Gostaria de falar de Noelle Pikus-Pace, uma dessas atletas da Igreja.

Sua modalidade era o skeleton. Imagine lançar-se de bruços numa descida, com o rosto a apenas alguns centímetros do solo, por uma trilha sinuosa e gelada a quase 150 quilômetros por hora, e tudo isso num pequeno trenó! Nos Jogos Olímpicos, Noelle tinha apenas quatro minutos (quatro provas de 60 segundos) para disputar sua medalha.

Para Noelle, não foi a primeira tentativa de competir nas

foi a medalhista de prata e Kelly, de bronze. Se você tiver um amigo ou familiar que precisar de incentivo, ajude-o também.

Sua Vez!

Sua vida eterna é muito parecida com a experiência desses atletas. Como filho ou filha de Deus, você vivia com Ele. Preparou-se para vir, por um período curto, a esta Terra. Sua vida na Terra é como aqueles quatro minutos para Noelle. Suas

ações aqui determinarão se você ganhará o prêmio da vida eterna.

Marcadores para Você

Noelle, Christopher e Torah tiveram de seguir certos passos para ser atletas olímpicos. Há certos marcadores para ajudá-lo a voltar à presença do Pai Celestial. Trata-se do batismo, do recebimento do dom do Espírito Santo, das ordenações ao sacerdócio e do sacramento que tomamos todas as semanas.

Para ajudá-lo a chegar a seus marcadores, é preciso orar e estudar as escrituras todos os dias e frequentar a igreja. Obedeça aos



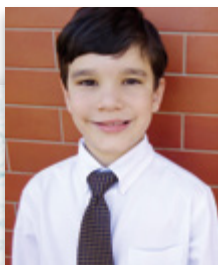
mandamentos, guarde os convênios que fez e siga os padrões do Senhor. Se precisar arrepender-se, lembre-se do milagre da Expição. O Pai Celestial não o deixará sozinho.

Lembre-se de que você se preparou para seu tempo na Terra. Esta é sua hora de mostrar desempenho. Seu momento é agora! ■

Extraído de "Seus Quatro Minutos", A Liahona, maio de 2014, p. 84.

“Esta vida é o tempo para os homens prepararem-se para encontrar Deus”
(Alma 34:32).

NOSSA PÁGINA



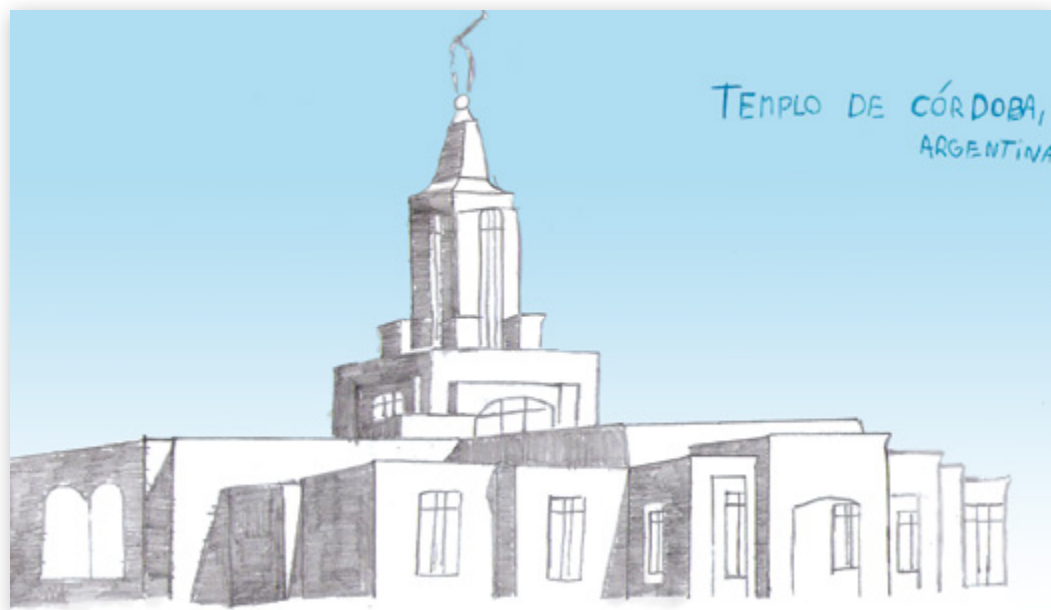
*"Quero ser missionário",
de Samuel Q., 8 anos, Brasil.*



*"Criação", de Vivian A., 6 anos, Espanha.
Vivian diz: "Agradeço a meu Pai Celestial
por ter criado os animais. Com suas cores e
variedade, eles deixam a Terra mais bonita".*



*"Templo de Córdoba,
Argentina", de Tiziano S.,
10 anos, Argentina.
Tiziano diz: "Quero
muito que o templo
fique pronto logo, assim
quando eu fizer 12 anos
poderei entrar nele".*



IDEIA BRILHANTE

“O Pai Celestial está constantemente derramando bênçãos sobre nós.”

— Presidente Dieter F. Uchtdorf

De “Viver o Evangelho com Alegria”,
A Liahona, novembro de 2014, p. 120.



Barbara Hopf

Inspirado numa história verídica

“Em oração, de manhã, eu falo ao Pai Celeste” (“Orar com Fé”, A Liahona, março de 1991, Seção Infantil, p. 5).

“Vamos, Fynn. Está na hora de ir!” chamou Johan.

O irmão de Fynn, Johan, estava esperando, impaciente, na porta de casa. Ele não queria chegar atrasado à escola.

Fynn franziu a testa.

Não queria ir ao colégio. Sua família tinha acabado de mudar-se para uma nova casa. Era seu primeiro ano na escola e ele

ainda não tinha feito nenhuma amizade lá. Ele sentia saudade dos velhos amigos.

“Estou com medo!” disse Fynn ao correr até a mãe. “Por que preciso ir à escola?”

A mãe de Fynn deu-lhe um abraço. “Vai dar tudo certo. Vamos fazer uma oração”, sugeriu ela. “Sempre dá tempo de orar.”

Ajoelharam-se e pediram ao Pai Celestial que ajudasse Fynn. Em seguida, Fynn e o irmão foram à escola. O dia correu um pouco melhor.

A partir daquele dia, Fynn

ajoelhou-se todas as manhãs parar orar pedindo ajuda ao Pai Celestial.

Aos poucos as coisas melhoraram. Fynn fez um amigo e não sentiu mais medo. Depois de algum tempo, ele começou a gostar da escola.

Certo dia, ele e o irmão estavam a caminho da escola, e Fynn sentiu felicidade. Viu o sol brilhar. Pensou em todas as coisas divertidas que estava aprendendo. De repente, parou de andar.

“Esqueci uma coisa!” disse ele para Johan. Fynn voltou correndo para casa.

Sempre Dá Tempo de ORAR

Era muito difícil ir à escola.

Será que as coisas iam melhorar um dia?



Ao vê-lo entrar em casa às pressas, a mãe ficou preocupada.

“O que foi?” perguntou ela.

“Esqueci-me de orar!” respondeu Fynn. Ajoelhou-se. Queria agradecer ao Pai Celestial por ajudá-lo.

Ao terminar de orar, deu um abraço na mãe. “Sempre dá tempo de orar!” disse ele.

Fynn sorriu. A mãe também sorriu. E ao correr para alcançar o irmão, Fynn sabia que o Pai Celestial também devia estar sorrindo. ■

A autora mora na Baviera, Alemanha.



Ajudar uma Nova Amiga



Quinnley W.,
9 anos,
Missouri, EUA

No meio do ano, uma nova aluna veio estudar em nossa classe. Sua aparência e seu sotaque não eram iguais aos do restante dos colegas. Ela já

morara em muitos lugares e tinha dificuldade para fazer amigos. Algumas coisas tristes estavam acontecendo em sua família e às vezes ela chegava à escola chorando. Eu sabia que queria tentar ajudar aquela menina, mas não sabia muito bem o que fazer, pois ela nem sempre gostava de conversar com os colegas. Orei para saber o que fazer e senti o Espírito Santo sussurrar que eu



devia simplesmente tentar ser amiga dela.

Comecei a ajudá-la a fazer as tarefas escolares e disse-lhe que o Pai Celestial lhe deu talentos especiais para ela usar e partilhar com os outros. Convidei-a para brincar comigo e outras meninas na hora do recreio. Alguns meses depois, ela contou-me que eu era a primeira amiga de sua vida.

Ela ia precisar mudar-se de novo, e fiquei muito triste. Pedi à secretária da escola que mandasse uma carta para ela em seu novo endereço. Na carta, eu disse a minha amiga que sentia saudade dela e que nossa amizade ia durar para sempre. Fiz desenhos de nós duas brincando

juntas e citei alguns talentos dela. Incentivei-a a ter coragem e a tentar fazer uma nova amiga, pois assim poderia ajudar alguém. Orei para que ela achasse uma amiga na nova escola e que as outras crianças a tratassem bem.

Sei que o Pai Celestial ama todos os Seus filhos e sou grata por nos auxiliar a ajudar cada um deles. ■

O Batismo de Jesus Cristo

(Simplificado)

Reverentemente ♩ = 88-96

Letra e música de
Jeanne P. Lawler

E^b Fm B^b7

1. Três mem - bros da Trin - da - de Es - ta - vam, em a -
2. Se - guin - do Seu e - xem - plo, Se - rei _____ ba - ti -

E^b C⁷ F⁷ B^b7

mor, No ba - tis - mo de Cris - to Nas á - guas do Jor -
za - do Por mei - o do sa - cer - dó - cio. E por i - mer -

E^b Fm B^b7

vão. O Pai fa - lou do céu _____ E o Es - pí - ri - to
são. A - pós ser con - fir - ma - do Um mem - bro de Seu

E^b C⁷ F⁷ B^b7 E^b

San - to, Qual pom - ba, sur - giu No ba - tis - mo de Je - sus.
Rei - no, O Es - pí - ri - to San - to Sem - pre há de me gui - ar.

© 1977, 1989, 2014 Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados.
Este hino pode ser copiado para uso na Igreja ou no lar, não para uso comercial.
Esta informação deverá constar em todas as cópias.

Jesus Foi Batizado

Erin Sanderson e Jean Bingham

Qual teria sido a sensação de assistir ao batismo de Jesus? O Novo Testamento nos conta o que aconteceu naquele dia sagrado.

“Então veio Jesus da Galileia ter com **João**, junto do **Jordão**, para ser batizado por ele.

E, sendo Jesus batizado, **saiu logo da água**, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o **Espírito**

de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele:

E eis que **uma voz dos céus** dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mateus 3:13, 16–17).

No dia especial em que você é batizado e confirmado, está seguindo Jesus Cristo. Você se torna uma nova pessoa — promete

sempre recordar e seguir Jesus Cristo, torna-se membro de Sua Igreja, recebe o dom do Espírito Santo e fica totalmente limpo de seus pecados. O Pai Celestial fica muito satisfeito com você. O batismo abre as portas para o caminho que nos leva de volta à presença do Pai Celestial. ■

As autoras moram em Utah, EUA.



SAIBA MAIS

Jordão — o Rio Jordão

João — João Batista

saiu logo da água — levantou-se logo depois de mergulhar na água

Espírito de Deus — o Espírito Santo

descendo como pomba — descendo suave e serenamente como uma pomba

uma voz dos céus — a voz do Pai Celestial



CONVERSA EM FAMÍLIA

Dê aos que já foram batizados a oportunidade de contar como se sentiram naquele dia especial. Também podem contar como tentam guardar seus convênios batismais e como o Espírito Santo já os guiou, ensinou e advertiu.

Música: “O Batismo de Jesus” (*A Liahona*, setembro de 1997, Seção Infantil, p. 5)

Escrituras: Mateus 3:13, 16–17;
Regras de Fé 1:4

Vídeos: Acesse Biblevideos.LDS.org para ver “Jesus É Batizado por João”.

DICA DAS ESCRITURAS!

Decorar um versículo das escrituras pode ser tão fácil como contar de 1 até 3.

1. Escreva cada palavra do versículo num papel ou cartão separado. Ponha os cartões em ordem e leia o versículo em voz em alta.
2. Misture os cartões e coloque-os em ordem de novo. Releia o versículo.
3. Pegue um cartão e releia o versículo. Continue pegando cartões até conseguir recitar o versículo inteiro sem consultar os cartões.

Agora que você memorizou o versículo, pode levá-lo consigo por todas as partes!

PERGUNTAS DAS ESCRITURAS

Recorte as tiras de papel abaixo e coloque-as num recipiente. As pessoas devem alternar-se para escolher perguntas e usar as escrituras para respondê-las.

Quem batizou Jesus? (Mateus 3:13)

Por que Jesus queria ser batizado?
(Mateus 3:15; 2 Néfi 31:7, 9)

Por que precisamos ser batizados? (João 3:5)

O que aconteceu logo depois que Jesus foi batizado?
(Mateus 3:16–17)

O que significa *imersão*? (D&C 76:51; Moisés 6:64–65)

Como recebemos o dom do Espírito Santo? (D&C 33:15)

O que prometemos quando somos batizados?
(Mosias 18:8–13; D&C 20:37)

O que o Pai Celestial nos promete quando somos batizados?
(D&C 76:52–56)

O que precisamos fazer após o batismo para conseguirmos viver para sempre com o Pai Celestial? (2 Néfi 31:18–20)

Juliana Faz um Discurso

Jane McBride Choate

Inspirado numa história verdadeira



Juliana estava com um pouco de medo antes de fazer um discurso na Primária.

A avó deu-lhe um abraço e sussurrou: “O Pai Celestial vai ajudá-la”.



Quando chegou a hora, Juliana viu seus amigos, sua professora, a avó e o avô, todos sorrindo para ela. Em seguida, fez o discurso.



“Sou filha de Deus. Mostro que amo o Pai Celestial aprendendo sobre Jesus, orando e ajudando minha família. Sei que o Pai Celestial e Jesus Cristo me amam também. Em nome de Jesus Cristo. Amém.”



Depois da Primária, Juliana deu um grande abraço na avó. “Não senti medo”, contou ela. “Sei que o Pai Celestial estava me ajudando.” ■

Todos Filhos de Deus

Toda criança é um filho especial de Deus.
Consegue achar a Juliana? Quantas meninas
você consegue contar? Quantos meninos?
Quantos estão usando roupas listradas?
Quantos estão vestindo amarelo? Quantos
usam óculos?





Élder Joseph B. Wirthlin (1917–2008)

Do Quórum dos Doze Apóstolos

O VERDADEIRO AMOR

O amor nos conduz à glória e grandiosidade da vida eterna.

O amor é o princípio, o meio e o fim do caminho do discipulado. Ele consola, aconselha, cura e conforta. Guia-nos pelos vales das trevas e através do véu da morte. Por fim, o amor nos conduz à glória e grandiosidade da vida eterna.

Para mim, o Profeta Joseph Smith sempre exemplificou o puro amor de Cristo. Muitos se perguntavam por que ele conquistou tantos seguidores e os conservou. A resposta dele foi: “É porque possuo o princípio do amor”.¹

Conta-se a história de um rapaz de 14 anos que foi a Nauvoo em busca do irmão que morava ali perto. O rapaz chegara no inverno sem dinheiro nem amigos. Ao perguntar pelo irmão, foi conduzido a uma casa grande que mais parecia um hotel. Lá conheceu um homem que disse: “Entre, filho, tomaremos conta de você”.

O rapaz aceitou e foi levado ao interior da casa, onde encontrou alimento, calor e uma cama para dormir.

No dia seguinte, fazia um frio intenso, mas apesar disso o rapaz preparou-se para caminhar os 12 quilômetros que o separavam de onde seu irmão estava.

Quando o dono da casa viu isso,



pediu ao rapaz que aguardasse um instante. Informou que haveria um grupo chegando em breve e que ele poderia pegar uma carona quando voltassem.

Quando o rapaz recusou a oferta, alegando não ter dinheiro, o homem disse-lhe que não se preocupasse, pois eles cuidariam dele.

Algum tempo depois, o rapaz ficou sabendo que o homem daquela casa não era outro senão Joseph Smith, o Profeta mórmon. Esse rapaz guardou na lembrança esse ato de caridade para o resto de sua vida.²

Numa mensagem do Coro do Tabernáculo no programa *Música e Palavras de Inspiração*, contou-se a história de um casal de idosos que estavam juntos havia muitas décadas. Por estar gradualmente perdendo a visão, a esposa não podia mais cuidar de si mesma como o fizera por tantos anos. Sem que ninguém lhe pedisse, o marido passou a pintar as unhas dela.

“Ele sabia que ela conseguiria enxergar as unhas se as aproximasse dos olhos a um determinado ângulo, e isso a fazia sorrir. Como ele gostava de vê-la feliz, continuou pintando as unhas da esposa por mais de cinco anos, até ela falecer.”³

Esse é um exemplo do puro amor de Cristo. Às vezes o maior amor não se encontra nas cenas dramáticas imortalizadas por poetas e escritores. Em geral, as maiores manifestações de amor estão nos simples atos de bondade e cuidado que praticamos para as pessoas que cruzam nosso caminho na jornada da vida.

O verdadeiro amor dura para sempre. Tem eterna paciência e perdão. Tudo crê, tudo espera e tudo suporta. Esse é o amor que o Pai Celestial tem por nós. ■

Extraído de “O Grande Mandamento”, A Liahona, novembro de 2007, p. 28.

NOTAS

1. Joseph Smith, *History of the Church*, vol. 5, p. 498.
2. Mark L. McConkie, *Remembering Joseph: Personal Recollections of Those Who Knew the Prophet Joseph Smith*, 2003, p. 57.
3. “Selflessness”, 23 de setembro de 2007, programa *Música e Palavras de Inspiração*, disponível em musicandthespokenword.com/spoken-messages.

PARA REFLETIR



Qual é o problema em nos concentrar nas fraquezas dos outros?

“Um dia, ao passar diante da casa do vizinho, [um] homem notou, no meio do belo gramado, um dente-de-leão, único, enorme, amarelo. (...) Por que o vizinho ainda não o tinha arrancado? Será que não tinha visto? (...) Esse solitário dente-de-leão incomodou o homem a tal ponto que ele decidiu tomar uma providência. Deveria ir lá e arrancá-lo? Deveria jogar um herbicida? Talvez pudesse se disfarçar e, na calada da noite, remover a praga em segredo. Esses pensamentos ocuparam sua mente enquanto voltava para casa. E assim ele entrou, sem sequer olhar para o próprio jardim — que estava coberto de centenas de dentes-de-leão amarelos. (...) Não sei por que somos tão hábeis em diagnosticar e prescrever soluções para os males dos outros, mas temos tanta dificuldade de identificar os nossos próprios.”

Também Nesta Edição

PARA OS JOVENS ADULTOS

REMOS FORTES,
TESTEMUNHOS FORTES NA

Polinésia Francesa

A canoagem polinésia é uma parte importante da vida deste jovem adulto. Ele traça paralelos entre seu esporte favorito e o evangelho.



p.46

PARA OS JOVENS



p.48

BUSCAR A DEUS TODOS OS DIAS

Aprenda por que a confiança no Senhor é tão importante e como Ele nos ajuda a desenvolver fé Nele dia a dia.

PARA AS CRIANÇAS

É Sua Vez

Assim como os atletas olímpicos, precisamos usar nosso tempo aqui na Terra para nos prepararmos.



p.66

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS